

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANO RODRIGUES LUZ

**JOVENS E EXPECTATIVAS DE ESTUDOS EM NÍVEL SUPERIOR: ELEMENTOS  
PARA RESSIGNIFICAR A FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

CURITIBA

2018

ADRIANO RODRIGUES LUZ

**JOVENS E EXPECTATIVAS DE ESTUDOS EM NÍVEL SUPERIOR: ELEMENTOS  
PARA RESSIGNIFICAR A FÍSICA NO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Física, Setor de Ciências Exatas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria F. Braga Garcia

CURITIBA

2018




ATA DA APRESENTAÇÃO E ARGUIÇÃO ORAL DE  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

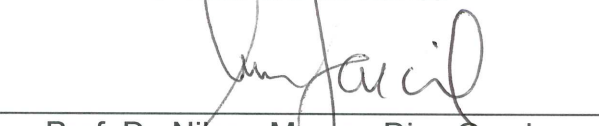
Aos 28 dias do mês de junho de 2018, as 9 horas e 30 minutos, no Anfiteatro 400, do Edifício Dom Pedro I – 4º andar no Campus Reitoria, na Universidade Federal do Paraná, compareceu o acadêmico **Adriano Rodrigues Luz**, aluno do Curso de Licenciatura em Física do Setor de Exatas da Universidade Federal do Paraná, para fazer a apresentação e arguição oral relativa ao seu **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)**, intitulado “**Jovens e expectativas de estudos em nível superior: elementos para ressignificar a Física no Ensino Médio.**”, orientado pela Professora Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, perante a banca examinadora, que foi assim constituída: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, como Presidente da Banca, a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivanlda Higa, como 1º Membro da Banca e o Prof. Dr. Nilson Marcos Dias Garcia, como 2º Membro da Banca. Após assistirem a exposição do acadêmico acima nomeado e arguirem-no sobre diferentes aspectos do TCC apresentado, os membros da banca reuniram-se para atribuição da nota final, a qual foi 10 (dez), de acordo com o **Relatório de Avaliação de TCC**, que acompanha esta Ata, estando o acadêmico aprovado na disciplina TCC2, com a recomendação de que todas as sugestões de correções indicadas pela Banca sejam atendidas e que a versão definitiva do TCC seja entregue conforme as regras estabelecidas pelo Colegiado de Curso e no prazo fixado. A nota final foi comunicada ao acadêmico. Nada mais havendo a ser tratado, o Presidente da Banca declarou encerrada a seção e todos os membros da Banca assinaram a presente Ata.

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia

Presidente da Banca

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivanlda Higa

1º Membro da Banca

  
Prof. Dr. Nilson Marcos Dias Garcia

2º Membro da Banca

  
Adriano Rodrigues Luz  
Orientando

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus amigos e colegas de graduação, por sempre me ajudarem nas disciplinas no decorrer do curso, enfatizo que, sem eles, os meus resultados não seriam os mesmos.

Agradeço aos alunos do ensino médio, por me inspirarem a fazer esse trabalho e por me abrirem os olhos em relação à educação brasileira. Dedico esse trabalho a eles.

Agradeço à professora doutora Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, por me inspirar e ser um ideal, para mim, como professora e um exemplo de boa pessoa. Agradeço pela paciência nas orientações e por tudo o mais.

Agradeço à minha família, por me dar suporte e base para poder estudar. Em especial a minha irmã Ester Rodrigues Luz, por tudo o que passamos e suportamos.

Agradeço especialmente aos meus amigos Emanuel Kava e Marco Cícero Fernandes, pelas vivências, aprendizados, momentos de alegria, tensão e descontração, além dos conselhos e loucuras.

Agradeço a todos os professores que se dispuseram a tirar minhas dúvidas e me ajudar nos estudos, sem eles, eu não teria produzido esse trabalho.

Com isso, agradeço a banca pelo tempo, orientações e sugestões, que contribuíram para a qualidade final do trabalho.

O ressentimento ligado ao fracasso só torna quem o experimenta mais lúcido em relação ao mundo social, cegando-o ao mesmo tempo em relação ao próprio princípio dessa lucidez.

(Pierre Bourdieu, 1983)

## RESUMO

Apresenta os resultados de pesquisa qualitativa e de natureza exploratória, cujo tema são as expectativas de estudos futuros de jovens alunos de Ensino Médio. Tem como objetivo estudar as relações que podem ser estabelecidas entre elementos da experiência social de jovens alunos e suas expectativas em relação à continuidade de estudos na universidade. A pesquisa se apoia em autores das áreas de sociologia, psicologia, didática e educação, em geral. Tem origem em experiências vividas com alunos de escola pública durante o processo de formação como docente, especialmente nas atividades de Prática de Docência em Física, em que foi possível constatar a carência de informações, dos alunos, relacionadas às formas de acesso ao Ensino Superior. Considerando a recente expansão de oferta do Ensino Médio nas últimas décadas, entende-se que a escolarização da população jovem deve ter se expandido; por outro lado, os índices oficiais indicam que um alto número de jovens em idade escolar está fora das escolas e, também, que a expansão de matrículas no Ensino Superior ainda é excessivamente baixa no país, apesar dos programas federais de incentivo e democratização do acesso, como o sistema de cotas e o Prouni/Sisu. Assim, justifica-se a investigação proposta para aproximar-se de jovens alunos de Ensino Médio, ouvir e compreender sociologicamente seus pontos de vista sobre a continuidade de estudos. A pesquisa empírica consistiu em estudo exploratório com a utilização de um questionário, como instrumento que foi aplicado em duas escolas da rede pública de ensino. O instrumento, com questões fechadas e abertas, foi respondido por 183 alunos que contribuíram com a pesquisa. Os resultados proporcionados pela análise dos questionários reafirmaram a presença de elementos do fracasso escolar relativos à baixas expectativas de continuidade de estudos e, entre outras questões, evidenciaram que metade dos alunos trabalha e dirige suas intenções futuras para a possibilidade de emprego, e que também metade dos colaboradores não conhece as formas de acesso às universidades brasileiras, e sobre a gratuidade em relação ao pagamento de mensalidades nas instituições públicas, abrindo uma reflexão sobre a relevância e necessidade do trabalho para os jovens e as complexas relações com a escola na sociedade atual.

**Palavras-chave:** Ensino Médio. Expectativas de Estudos. Jovens e juventude. Papel da Escola.

## ABSTRACT

It presents the results of qualitative research and exploratory nature, whose theme are the expectations of future studies of young students of High School. It aims to study the relationships that can be established between elements of the social experience of young students and their expectations regarding the continuity of studies in the university. The research relies on authors from the areas of sociology, psychology, didactics and education in general. It originates from experiences with public school students during the training process as a teacher, especially in the activities of Physics Teaching Practice, in which it was possible to verify the lack of information, of the students, related to the forms of access to Higher Education. Considering the recent expansion of the offer of secondary education in the last decades, it is understood that the schooling of the young population must have expanded; on the other hand, official indices indicate that a high number of school-age youths are out of school, and also that the expansion of enrollments in higher education is still excessively low in the country, despite the federal programs of incentive and democratization of access, such as the quota system and Prouni / Sisú. Thus, the research proposed to approach young high school students is justified, to listen and to understand sociologically their points of view on the continuity of studies. The empirical research consisted of an exploratory study with the use of a questionnaire, as an instrument that was applied in two schools of the public school system. The instrument, with closed and open questions, was answered by 183 students who contributed to the research. The results provided by the analysis of the questionnaires reaffirmed the presence of elements of school failure related to the low expectations of continuity of studies and, among other things, showed that half of the students work and directs their future intentions towards the possibility of employment, and that half of the employees do not know the ways of accessing Brazilian universities, and about the gratuitousness regarding the payment of tuition fees in public institutions, opening a reflection on the relevance and necessity of the work for young people and the complex relations with the school in the current society.

**Key-words:** High School. Expectations of the Studies. Young people and youth.  
The role of the School.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1: Gênero dos alunos.....	33
Gráfico 2: Etnia dos alunos. ....	33
Gráfico 3: Alunos que exercem trabalho remunerado. ....	34
Gráfico 4: Tempo de moradia dos alunos na mesma casa. ....	35
Gráfico 5: Com quem moram os alunos.....	36
Gráfico 6: Número de moradores na residência.....	36
Gráfico 7: Escolaridade dos pais.....	38
Gráfico 8: Escolaridade das mães.....	38
Gráfico 9: Profissão dos pais.....	40
Gráfico 10: Profissão das mães. ....	40
Gráfico 11: Renda mensal do grupo familiar dos alunos.....	41
Gráfico 12: Eletrodomésticos e acessórios disponíveis nas moradias dos alunos....	42
Gráfico 13: Computadores disponíveis nas moradias dos alunos.....	43
Gráfico 14: Possibilidades de acesso dos alunos à internet. ....	44
Gráfico 15: Frequência de acesso dos alunos à internet. ....	44
Gráfico 16: Interesse dos alunos em relação a esportes. ....	45
Gráfico 17: Interesse dos alunos em relação à política.....	46
Gráfico 18: Interesse dos alunos por questões sobre o meio ambiente.....	46
Gráfico 19: Interesse dos alunos em relação ao cinema e ao teatro.....	47
Gráfico 20: Interesse dos alunos em relação a temas sobre saúde.....	48
Gráfico 21: Interesse dos alunos em relação à música.....	48
Gráfico 22: Interesse dos alunos em relação a viagens e outros lugares. ....	49
Gráfico 23: Relação de gosto dos alunos pela leitura. ....	50
Gráfico 24: Atividades de leitura praticadas pelos alunos. ....	51
Gráfico 25: Atividades de rotina praticadas pelos alunos.....	52
Gráfico 26: Interesse dos alunos em relação a livros e estudos futuros. ....	54
Gráfico 27: Interesse dos alunos em relação a invenções e tecnologias. ....	54
Gráfico 28: Interesse dos alunos em relação a trabalho e emprego. ....	55
Gráfico 29: Pretensão dos alunos em cursar algum curso na faculdade. ....	56
Gráfico 30: Grau de certeza dos alunos em cursar alguma faculdade.....	57
Gráfico 31: Interesse dos alunos em cursar alguma faculdade.....	58

Gráfico 32: Existência de fatores que possam impedir os alunos de cursar faculdade. .....	58
Gráfico 33: Grau de vontade dos alunos em cursar algum curso na faculdade. ....	59
Gráfico 34: Informações dos alunos em relação à Universidade e formas de acesso. .....	61
Gráfico 35: Informações dos alunos em relação as universidades públicas em Curitiba.....	62

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1	JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO.....	12
1.2	OBJETIVOS .....	13
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>A PESQUISA EMPÍRICA: PROCEDIMENTOS, INSTRUMENTOS E COLABORADORES.....</b>	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>32</b>
4.1	OS JOVENS ALUNOS E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	32
4.2	OS JOVENS E SEU NÚCLEO FAMILIAR .....	34
4.3	OS JOVENS E SUAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS .....	42
4.4	OS JOVENS, A EXPERIÊNCIA ESCOLAR E SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO SUPERIOR.....	53
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>64</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No campo da pesquisa em Educação, um dos desafios das últimas décadas tem sido compreender as relações entre os jovens, escola e universidade. Nesse sentido, o crescimento de estudos que se dedicam ao tema foi significativo e, atualmente, há referenciais de diferentes abordagens conceituais para entender melhor essas relações, sendo que a área de conhecimento mais comum em pesquisas para estes fins tem sido a Sociologia. Nesse campo, alguns estudos são relevantes para situar as diferentes condições de ser jovem na vida contemporânea e, especialmente, no Brasil. Ainda assim, há muitas dúvidas e lacunas a serem preenchidas, por isso optou-se em realizar essa pesquisa para estudar possíveis relações entre as expectativas de estudos futuros para os jovens estudantes e a experiência social deles, incluindo as experiências cotidianas e escolares.

De acordo com dados de pesquisas do IBGE, há um número maior para matriculados no Ensino Fundamental do que no Ensino Médio, o que indica que nem todos os matriculados no primeiro terminam essa etapa do ensino e dão continuidade aos estudos no segundo (IBGE, 2016). Portanto, se isso já ocorre nas etapas iniciais da educação básica, o mesmo acontece no Ensino Superior, e de maneira mais explícita. Para além de serem indicadores que apontam à desvalorização da escola na sociedade, deve-se observar mais profundamente as consequências desses dados e buscar o conhecimento das causas dessas diferenças.

Chamando a atenção para o aspecto mais drástico, Peregrino (2010) afirma que a interrupção da escolarização, do Ensino Fundamental para o Médio, condena as pessoas a uma subescolarização e a um provável futuro precário. Trata-se, então, de uma questão que pode explicar a origem de muitos problemas existentes no país e, especialmente, aponta causas da desigualdade e exclusão social que geram tantas dificuldades à população brasileira, principalmente para as classes sociais menos favorecidas.

Na revisão bibliográfica, identificou-se uma pesquisa que mostrou que os resultados acadêmicos de estudantes de Letras dependiam das escolhas e vivências passadas desses alunos, isso já desde o Ensino Fundamental, ou ainda antes, das primeiras interações deles com o mundo (BOURDIEU, 1998). Esse texto foi um dos elementos que motivou o desejo de estudar e conhecer melhor as relações escolares e sociais, que constituem as experiências dos jovens estudantes e que interferem nas

suas decisões e opções com relação à continuidade ou não dos estudos em nível superior.

Por outro lado, como licenciando em Física, algumas disciplinas cursadas contribuíram para a compreensão de que os temas desse campo específico podem ser estimuladores de atitudes investigativas e de interesse pela ciência e por seu estudo. Considerando que os jovens estão interessados e cercados de experiências relacionadas à presença de elementos científicos e tecnológicos da vida contemporânea, surge também a curiosidade de investigar se esses elementos influenciam, ou não, nas escolhas profissionais dos alunos, incluindo a Graduação em Física.

Entretanto, há um forte consenso na cultura escolar quanto às dificuldades que os jovens do Ensino Médio têm para compreender a Física, ao mesmo tempo em que os professores apontam as suas dificuldades em ensinar esta disciplina. No campo do Ensino de Física, pesquisas sobre diferentes temas tomam a existência dessa dificuldade para justificar estudos sobre diferentes metodologias de ensino, materiais didáticos, formação de professores, entre outros, buscando apontar outras possibilidades para a organização das aulas e, assim, diminuir a dificuldade escolar nesse conhecimento específico. Logo, esses elementos foram relevantes para apontar a importância do tema e sugerir a possibilidade de investigação em turmas do terceiro ano do Ensino Médio de escolas em Curitiba.

Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa de caráter exploratório. Primeiro, escolheu-se uma escola pública na região central de Curitiba para fazer a primeira aproximação. Foi feito contato com a escola para pedir autorização para a realização da pesquisa. Em seguida, foi realizada uma apresentação sobre o tema e a pesquisa em si, e, por fim, foi aplicado um questionário para que os alunos do terceiro ano respondessem. A partir desse estudo empírico inicial, confirmou-se a possibilidade e a relevância do tema que partiu de uma experiência pessoal, mas que também está presente na bibliografia de diversos campos acadêmicos e na vida social, como evidenciado no primeiro estudo empírico. Assim, um segundo estudo empírico foi realizado em outra escola, mas agora na região periférica da cidade, com a finalidade de estudar questões relacionadas ao tema e possíveis comparações.

## 1.1 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO

A pesquisa foi motivada pelo interesse em estudar as relações citadas e teve origem no convívio com estudantes de escolas na cidade, visto que, em diversas turmas e escolas diferentes, os alunos mostraram uma carência em relação a informações sobre as formas de acesso à Universidade. No contato informal, esses alunos também afirmaram não gostar de ir para a escola, muitos afirmaram que não percebem a utilidade da Escola fora do ambiente escolar. Além de que a Física é um conteúdo difícil de entender, de forma que os alunos acabam reproduzindo, antes mesmo do Ensino Médio, a antiga ideia da dificuldade extrema em aprender conceitos e cálculos da Física.

Esse conjunto de experiências pessoais, e como professor em formação, inspirou-me reflexões sobre as expectativas futuras desses jovens em relação à vida acadêmica, trabalho, faculdade, e sobre a forma com que a escola tem contribuído para o sucesso dessas expectativas, ao menos no que diz respeito à formação acadêmica.

Nessas experiências, uma parte dos alunos afirmou não saber sobre a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos integral em alguma universidade, e nem mesmo sobre a existência de universidades públicas e gratuitas na cidade. Essas ocorrências aconteceram em várias escolas e ambientes diferentes, mas todas com jovens do ensino básico. Para os alunos, em geral, conhecer ou não essa informação, com toda a certeza, influencia nas possíveis escolhas futuras que eles farão, tanto para a área de emprego e trabalho, quanto para a área acadêmica e diversas outras áreas da vida pessoal de cada um.

Portanto, para a pesquisa desenvolvida foi necessário tomar por base trabalhos de Sociologia, Psicologia, Didática e utilizar também dados de órgãos públicos sobre jovens e escolaridade. Buscou-se elementos para uma melhor aproximação com esses jovens para ouvir seus pontos de vista em relação a aspectos culturais e acadêmicos, e também para conhecer suas expectativas sobre o Ensino Superior, isso para, a partir desses elementos, estabelecer algumas possíveis relações com a Física como disciplina escolar, além de discutir possíveis intervenções dos professores de Física em sala de aula, a fim de contribuir com a melhora do acesso a informações, referentes a trabalho e Ensino Superior, que têm os alunos.

## 1.2 OBJETIVOS

A pesquisa teve como objetivo geral estudar as relações entre as experiências sociais dos alunos e suas expectativas sobre estudos posteriores.

A intenção é ampliar e contribuir com pesquisas nessa área, para entender melhor as relações entre as expectativas de estudos dos alunos e as formas por meio das quais a escola pode contribuir para que eles incluam em seus projetos uma futura vida acadêmica, em relação à graduação, nas universidades do país.

A partir desse objetivo foram construídos os seguintes objetivos específicos, que permitam estabelecer conexões entre a minha formação para a docência e a formação para a pesquisa em educação e no ensino:

- a) Realizar aproximação com os alunos e interagir com eles na condição de professor pesquisador em formação;
- b) Produzir dados sobre elementos da realidade social dos jovens alunos, além de suas opiniões quanto aos estudos e expectativas de continuidade;
- c) Analisar os dados para relacionar as expectativas dos alunos com a sua experiência social.
- d) Apontar possíveis influências do ambiente escolar e da Física, como disciplina escolar, sobre a construção de expectativas de continuidade de estudos dos jovens alunos.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

A maior parte dos docentes brasileiros ministram suas aulas e ensinamentos para crianças e jovens. Nesse sentido, levar a opinião deles em consideração, nas políticas e propostas escolares, é fundamental para o progresso da educação brasileira. No entanto, definir juventude, ou criar uma noção rígida sobre o conceito, tem sido uma tarefa complexa e complicada. Por exemplo, a definição que o *Google* oferece para “juventude” é “a gente jovem”, o que não é uma definição esclarecedora, já que a definição de “Jovem” encontrada na mesma plataforma é “que, ou aquele que se encontra na juventude”. Devido à diversidade e a ascensão do respeito à diversidade, a sociedade está se transformando diariamente nesses sentidos, portanto, criar uma noção de juventude, de fato, não é uma tarefa simples. Portanto, fala-se em juventudes.

Para se ter uma melhor noção sobre as juventudes, primeiramente, precisamos desvincular o jovem de critérios rígidos e inflexíveis e vê-los como parte da mudança social, que tem valorizado, cada vez mais, as diversidades existentes entre as pessoas. Nesse sentido, a juventude não tem um início e um fim exato para cada pessoa. O texto de Dayrell (2003) propõe uma ideia interessante sobre o termo, o autor afirma que a juventude começa quando fisicamente se adquire a capacidade de procriar, quando a pessoa requer menos proteção familiar, assume responsabilidades, busca independência e dá provas de autossuficiência.

Entretanto, para Bourdieu (1983), juventude é uma palavra relacionada à ideia de que os limites entre as idades são arbitrários, o que reflete um movimento de disputa de acordo com interesses sociais. Ele explica:

A representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos. Vemos isto muito bem no caso do esporte, por exemplo, no rugby, com a exaltação dos "bons rapazes", dóceis brutalhões dedicados à devoção obscura da posição de "avantes" que os dirigentes e os comentaristas exaltam ("Seja forte e cale-se, não pense"). Esta estrutura, que é reencontrada em outros lugares (por exemplo, na relação entre os sexos) lembra que na divisão lógica entre os jovens e os velhos, trata-se do poder, da divisão (no sentido de repartição) dos poderes. As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classe...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem onde cada um deve se manter em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar. (BOURDIEU, 1983, p. 1).

Em relação ao termo juventude, Pereira (2012) apresenta a visão de que o termo deve ser pensado em torno de condições de gênero, raça, classe social, moradia e pertencimento religioso, mas enfatiza, principalmente, o contexto histórico, sendo que esse jovem integra uma geração específica que se relaciona com outras gerações, que, muitas vezes, não é da sua.

Portanto, há várias visões diferentes sobre o que é a juventude, e, para discutir essas visões, é preciso considerar as construções sociais e culturais do mundo e da sociedade, já que esses fatores são diversificados para cada jovem, ou grupos de jovens, ou seja, não se pode deixar de lado o contexto social de cada jovem para esse conceito. Essas juventudes se mostram diferentes umas das outras, mas ainda assim possuem elementos em comum, e um desses elementos é a escola.

Os alunos chegam às escolas públicas já com suas diferenças, diversidades e valores que construíram ao longo do tempo em outros ambientes, convivendo com pessoas que já diferem entre si, apresentando características, práticas sociais e universos simbólicos próprios de cada um. Esses fatores já diferenciam, e muito, as gerações de estudantes no ambiente escolar.

Nesse sentido, uma pergunta que aparece na discussão do tema sobre juventudes é: Quem é esse jovem? Vários especialistas no assunto já repetiram e defendem a ideia de que não se pode falar no jovem atual, mas sim nas maneiras de vivenciar a juventude na atualidade. Pereira (2012) afirma que atentar para os aspectos de diferenciação pode ser crucial para discutir as políticas públicas relacionadas à escola e, também, problematizar as especificidades do papel da instituição escolar no mundo moderno.

No contexto local, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) reconhece que a população jovem do país pressiona a economia para criação de novos postos de trabalho e constitui um público alvo de uma gama de estratégias intencionais voltadas exclusivamente para eles, como exemplo: marketing, mídia, indústria de consumo e lazer. Considerando como jovens o público brasileiro de pessoas entre 15 a 24 anos, as pesquisas indicam que, no ano de 1940 havia no país 8,2 milhões de jovens; em 1970, havia 18,5 milhões de jovens; e, em 1996, havia 31,1 milhões de jovens, o que correspondia a cerca de 20% da população brasileira em 1996, isso sem considerar a população relativa às crianças e adolescentes com menos de 15 anos de idade (IBGE, 1999).

Ainda, quanto à escolaridade, aponta-se que há uma grande defasagem entre a idade e o grau de escolaridade atingido, principalmente entre os jovens na faixa de 15 a 17 anos. Dentre essa faixa etária, cerca de 33% dos adolescentes ainda não haviam terminado o Ensino Fundamental, sendo que a idade ideal para o término dessa etapa é 14 anos. Além disso, a distribuição da desigualdade também se revela quando se afirma que, no nordeste do país, entre os jovens de 18 a 29 anos, apenas cerca de 18,4% têm acesso ao ensino superior, enquanto no Sudeste são cerca de 48,5%. Também se informa que, medidas como o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) foram avanços de caráter compensatório, mas o enfrentamento dessa desigualdade depende da formação do jovem na educação básica.<sup>1</sup>

Outra questão que acompanha as mudanças sociais da atualidade e, conseqüentemente, a vida dos jovens, é a tecnologia e sua acessibilidade. Aproximadamente até os anos 2000, a população brasileira convivia com o que se costuma chamar de analfabetismo digital. Enquanto um terço (33%) dos europeus já acessava à internet, apenas 9% dos brasileiros possuía computadores, sendo que apenas 4% desses acessavam à internet, e ainda, na maior parte, nos trabalhos e locais públicos (CASTRO, 2002). Atualmente a situação é significativamente diferente, e a esmagadora maioria dos jovens possui acesso às tecnologias como computadores e celulares, sendo estes últimos sempre conectados à internet em algum momento. Logo, percebe-se que as tecnologias já avançaram e avançam muito rapidamente, podendo-se especular que a acessibilidade aumentou e o analfabetismo digital diminuiu.

Outra questão a se destacar é de que a sociedade atual é gerida por adultos que nasceram em gerações anteriores à dos jovens e que as diferenças geracionais são registradas há muito tempo na história da humanidade. Nesse sentido, a sociedade já existia quando os jovens nasceram, ou seja, a sociedade já tinha história e estrutura, as quais não foram produzidas por eles. Fatores como a raça, o gênero, a escolaridade e o trabalho dos pais, junto com outros elementos, influenciam o

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em [http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=27857&catid=10&Itemid=9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=27857&catid=10&Itemid=9) (Acesso em: 08 de maio de 2018)

destino dessas pessoas desde o nascimento e fogem do controle delas, enquanto construções do passado.

Dessa forma, a própria sociedade dita ao jovem como o mundo funciona, quem ele é, qual é o papel dele, os sonhos que pode ter, ou seja, a sociedade acaba impondo limites de forma implícita. Vale também ressaltar que esse último ponto está relacionado à ideia de poder simbólico nas obras de Bordieu. Conseqüentemente, Dayrell (2003) afirma que o que produz a cultura própria da pessoa é o nível do grupo social em que ela se identifica, e também a forma própria de vivenciar e interpretar as relações e contradições entre si e a sociedade.

Nesse sentido, o conceito de moratória social, apresentado por Pereira (2012), pode ser interessante para estudar e entender algumas particularidades em relação às juventudes, em especial de classes sociais diferentes:

Inspirara-se na discussão feita por Erik Erikson, cuja ideia de moratória, entendida como um período de suspensão de obrigações e responsabilidades, é defendida como elemento importante para permitir aos jovens fazer suas escolhas e experimentar o mundo. (...) Constituiria, então, um período, antes da maturidade biológica e social, marcado por uma maior permissividade, configurando, desta forma, a moratória social do qual desfrutam alguns jovens privilegiados por pertencer a setores sociais mais favorecidos. Para os que têm tal privilégio, o ingresso na vida adulta, com as exigências requeridas para a entrada na maturidade social, é cada vez mais postergado pelo aumento do tempo de estudo. . (PEREIRA, 2012, p. 01).

Podemos relacionar os fatores sociais sobre os quais os jovens não têm controle, com a ideia de moratória social. Esses fatores afetam e estão intimamente relacionados com os privilégios que as crianças e os jovens podem ter durante sua vida. Pode-se dizer também que os fatores influenciam os desencantos, a percepção do distanciamento das instituições públicas, as incertezas sobre o futuro, a intolerância ao totalitarismo, a descrença em si mesmo e na política do país, em geral. Somando todos esses fatos, a preocupação dos jovens, nas camadas populares, acaba se centrando em conseguir um emprego e ter seu próprio dinheiro antes mesmo de terminar o Ensino Médio (PEREIRA, 2012).

De forma que, textos como o de Dayrell (2003) e Castro (2002) mostram que há um certo consenso de que os jovens desejam se empregar logo, e um dos principais motivos é o receio deles e de seus pais em relação ao futuro. Entre outros motivos destacam-se a necessidade de garantir o mínimo de recursos para laser,

namoro e consumo, também como meio de sobrevivência individual, em alguns casos, a sobrevivência das famílias. Ou até mesmo como forma de atingir uma independência financeira e aumentar a autoestima, e nesse caso, para inspirarem respeito no meio social em que vivem, meio em que o trabalho na adolescência é visto como algo positivo, porém acaba os privando de seu tempo de possível moratória social.

Nesse sentido, conseguir um emprego e trabalhar aparenta ser uma atitude adequada aos jovens, porém, em muitos casos, o emprego que exercem é irregular, ou instável, tanto para eles, quanto para seus pais (CASTRO, 2002). Esses empregos, em sua maioria, não oferecem as devidas condições de trabalhos, concentrando a população jovem em atividades informais, o que acaba deixando brecha para vulnerabilidades, ou até mesmo explorações. Ainda assim, os alunos enfatizam a importância do emprego e trabalho como forma de ocupação do tempo e da mente fora do ambiente escolar.

Desse modo, pode-se dizer que o desejo de trabalhar, em muitos casos, ou quando realmente não há necessidade para sobrevivência, já evidencia uma possível falha no sistema escolar, dada a importância do trabalho para esses alunos em relação a obter e fixar os conhecimentos escolares. Dayrell (2003) questiona a juventude vista como um período de transitoriedade e enfatiza que os jovens, nas classes populares, não pensam na juventude como um momento para se preparar para o futuro, isso porque eles sentem que os horizontes do futuro estão fechados.

Esse último autor também afirma que a juventude é vista como um momento de crise, uma fase de dificuldades, em que os jovens passam por conflitos internos, de forma que os próprios jovens questionam essa visão e que essa não foi a perspectiva que ele encontrou a partir do resultado de suas pesquisas. Entretanto, Dayrell (2003) constatou uma crise na passagem para a vida adulta: a imagem de adulto, para esses jovens, é muito negativa. Isso ocorre porque, para eles, o adulto é visto como alguém que é obrigado a trabalhar para sustentar família, alguém que ganha pouco, diminui os espaços e tempos para encontros, possui moral baseada em valores mais rígidos, abre mão de festas, de alegrias e emoções; ou seja, para ser adulto teriam que deixar de ser jovens. Isso pode significar abrir mão do próprio estilo de vida, fazendo com que essa passagem gere momentos de dúvidas e angústias, vistas sempre como tensão. Mesmo assim, os jovens não recusam a passagem para a vida adulta, mas a vivenciam como uma crise, o que gera uma certa contradição em

relação ao desejo de se empregar rapidamente e não aproveitar o tempo de moratória social.

Para compreender de forma mais completa essas questões, referencia-se o trabalho de Peregrino (2010), sobre as trajetórias desiguais que, dentre outros elementos, apresenta uma descrição histórica da educação no Brasil. A autora registra que, na sociedade escravocrata, e mesmo nas primeiras décadas de República, a educação escolar era organizada em dois polos: o ensino superior, para elites, e o ensino secundário como sendo a continuação de um tipo especial do primário, também organizado em torno do ensino superior; e o ensino profissional, para formação da força de trabalho a partir de crianças órfãs, abandonadas, ou miseráveis, realizado em escolas agrícolas, ou em escolas de aprendizes de artífices. Segundo a autora, nessa época, não havia qualquer tipo de escola para a maioria da população. De forma que a classe popular só começou a ter um processo de socialização mediado pela escola pública a partir do início da sua entrada em massa para o ginásio (Ensino Fundamental 2, na denominação atual) em 1970.

Essa entrada das classes populares na escola pública vem sendo acompanhada de mecanismos variados para a adaptação da escola a essas classes, mudando assim o perfil da instituição escolar, principalmente a partir de 1990. A “reordenação” da escola acompanhou uma expansão do acesso da população à educação fundamental, já que o objetivo do governo seria de universalizar esse segmento de ensino em todo o país (PEREGRINO, 2010).

Também pode-se encontrar elementos históricos da educação no trabalho de Dayrell (2007), em que o autor afirma que, em 1990, a Escola passou a receber cada vez mais alunos heterogêneos, no sentido social. Esses trouxeram com eles, para o interior da escola, os conflitos e contradições de suas estruturas sociais excludentes, mudando radicalmente as trajetórias escolares e desafiando a escola. Ao mesmo tempo, houve uma transferência dos alunos das classes altas e médias altas para a rede particular de ensino, o que reforçou a ideia da escola pública como uma “escola para pobres”, reduzindo assim o zelo pela qualidade.

Devido a esses fatos, o Ensino Médio e seu significado vêm se transformando. Antes, ele era parte natural da vida de quem fosse fazer uma faculdade; agora, se tornou a última etapa obrigatória da escolarização da população jovem. O autor também afirma que houve várias iniciativas do poder público em relação à situação,

porém, ainda não houve uma afinidade entre a estrutura escolar e a realidade do início dos anos 2000 (DAYRELL, 2007).

A última pesquisa sobre o número de jovens no Brasil, feita pelo IBGE em 1999, apontou que eles compunham cerca de 20% da população do país em 1996. Em conformidade com os autores citados, segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2016, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (INEP), o Brasil oferece o Ensino Médio em 28,3 mil escolas, sendo cerca de 71% públicas e 29% privadas. De acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo IBGE, no Brasil, pouco mais da metade dos alunos (54,3%) termina o Ensino Médio até os 19 anos de idade, sendo que a idade considerada ideal para o término dessa etapa é 17 anos. Esses índices de conclusão escolar são baixos em relação aos países participantes da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), além de que os dados de pesquisa, feita pela Organização em 2015, constataram que mais da metade (50%) dos adultos, entre 25 e 64, anos não completaram o Ensino Médio e outros 17% não concluíram nem mesmo o Ensino Fundamental. Nos países da OCDE, a média de pessoas que não concluíram o Ensino Médio está em cerca de 22% dos adultos, e para o Ensino Fundamental 2%.

Ainda para apontar elementos que ajudem a compreender o contexto, dada a quantidade de alunos matriculados nas escolas brasileiras, o estudo feito por Soares (2014), especialista em métodos para avaliação educacional da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mostra que os jovens brasileiros, entre 15 e 17 anos, se distribuem da seguinte forma: 19,6% ainda frequentam o Ensino Fundamental; 54,3% estão matriculados no Ensino Médio; 1,7% cursam a Educação de Jovens e Adultos (EJA); 0,3% fazem curso pré-vestibular; 2,6% estão no Ensino Superior; 15,7% não estudam e 5,9% não estudam, mas já concluíram o Ensino Médio (SOARES, 2014).

Em relação ao contexto histórico, a Escola, a partir da década de 1990, passou a conviver com a vida juvenil das camadas populares com suas próprias características, qualidades e defeitos, sendo que os relacionamentos entre esses jovens também fizeram parte das mudanças no ambiente escolar. Dayrell (2007) afirma que, para Dubet, o “tornar-se aluno” já não significava tanto a submissão a modelos prévios; justamente o contrário, os alunos construíram suas experiências levando em conta suas condições juvenis, tentando definir a utilidade social de seus estudos, o sentido das aprendizagens e seus projetos para o futuro.

O ambiente escolar então passou a ser considerado como um lugar de socialização entre esses jovens, carregando a missão de conformá-los e, em contraposição, também formá-los como cidadãos autônomos e livres. O último autor afirma que, na escola, ainda há uma teoria sobre o “ser aluno” baseada na sociedade “ideal” moderna, o aluno então deixava sua realidade para fora do espaço escolar, transformando-se em “aluno”, com a obrigação de interiorizar disciplinas escolares e investir em aprendizados e conhecimentos. Isso seria um modelo ideal, muito semelhante ao mundo do trabalho, em que o trabalhador ideal deve ser disciplinado, obediente, pontual, etc (DAYRELL, 2007). O que também está relacionado com a ideia de poder simbólico nas obras de Bourdieu, principalmente na reprodução desses padrões sociais até os dias atuais, o que muitas vezes passa despercebido pelas pessoas.

O acesso em massa à escola trouxe também a ampliação rápida da quantidade de alunos nas escolas, isso contribuiu para o aumento de turnos diários, aumento de número de alunos por turma, aumento do número de horas de trabalho dos professores, falta de política de formação docente e outros. Isso ocorreu devido à falta de políticas educacionais que realmente privilegiassem a qualidade do ensino (BUENO, 2001). Mesmo assim, a universalização do acesso à escola fundamental contribuiu para que pessoas, antes excluídas e ignoradas pelo sistema de ensino, agora pudessem frequentar a escola.

Tendo essa situação em vista, Bueno (2001) afirma que esse rebaixamento da qualidade de ensino da escola pública brasileira não prejudicou apenas os alunos; a “cultura de escola de baixa qualidade”, como afirma o autor, passou a fazer parte do consciente e inconsciente dos profissionais e estudiosos da área de educação no país. Provavelmente esse é o resultado de políticas educacionais de massas, que utilizam um discurso de priorização da ampliação do acesso à escola pública em detrimento das condições de trabalho na área educacional e da qualidade do ensino.

Mesmo com essa realidade, cada escola ainda possui uma identidade própria e única, sendo, como a sociedade atual, diversificada e com suas próprias particularidades, o que novamente, contrapõe-se à política de massas. Segundo Peregrino (2010 p. 17):

A escola não é onde tudo começa, porque não é a origem dos problemas. Ela apenas os reflete. Mas é deste lugar, a escola, que temos uma compreensão mais humana do problema. Assim, se a escola não produz as condições que

delimitarão daí por diante as vidas “que começam”, ela as reproduz. (PEREGRINO, 2010, p. 17).

Nesse sentido, pode-se dizer então que a escola reproduz elementos do contexto social, o que denuncia a degradação e o despreparo da sociedade, como um todo, para lidar com a situação, isso em relação a questões educacionais. Além disso, de acordo com Bourdieu (1998, p. 41):

É provável por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (Bourdieu, 1998, p.41)

O texto de Bourdieu (1998) mostra as reflexões do sociólogo acerca da situação da educação francesa em 1966, tendo por base em suas pesquisas a ideia de poder simbólico defendida pelo autor, situação de degradação e reprodução social muito parecida com a realidade brasileira atual. Essa ideia de poder simbólico é diferente da de poder na abordagem clássica, visto que esse poder simbólico é muito mais sutil e está interiorizado, implicitamente, pelas pessoas na forma de pensar e agir. Na citação, percebe-se que o autor deixa implícito que o Estado, por meio da própria Escola, é um dos reprodutores das heranças culturais e das dicotomias que influenciam as ideias de superioridade e inferioridade.

Segundo Pais, citado por Dayrell (2007), há uma desinstitucionalização do social, não por causa de um declínio dessas instituições, mas sim por serem vias de mudanças sociais, ou seja, as instituições estão em crise e em constante reconstrução, principalmente no momento pós década de 1990. Estaríamos então vendo uma passagem da sociedade disciplinadora para uma sociedade de controle, esta última contendo lógicas disciplinadoras, mas espalhadas por todo o campo social.

De acordo com Bueno (2001), a questão do fracasso escolar foi tema das discussões ao longo das últimas décadas e permanece marcando o sistema escolar brasileiro:

(...) apesar de todo o discurso e da quantidade crescente de estudos sobre o fracasso escolar, o fato é que, de forma geral, ele tem permanecido encoberto, muitas vezes, por formas que são pouco percebidas pelos próprios agentes educacionais. Se, em épocas passadas, os processos de seletividade escolar eram mais visíveis, como por exemplo, a não-oferta de

vagas a todos, ou os processos de reprovação nas séries iniciais, com a pressão dos órgãos centrais para a diminuição da reprovação e conseqüente repetência escolares, hoje, uma parcela significativa do alunado tem permanecido na escola sem que dela tenha usufruído, ou melhor, de forma ainda mais explícita, as crianças permanecem na escola, obtêm registros de progresso escolar (como, por exemplo, a passagem de uma série para outra mais avançada), mas praticamente nada aprendem. A quantidade de analfabetos funcionais é a comprovação mais evidente desse processo. (BUENO, 2001, p. 03).

Nesse sentido, anteriormente tínhamos uma situação de exclusão bem explicitada. Atualmente, essa exclusão é mascarada pela universalização do ensino de baixa qualidade, que, segundo os alunos, é praticamente inútil na vida fora do ambiente escolar, no cotidiano, na prática. Dessa forma, percebe-se que os alunos não conseguem relacionar o conteúdo visto nas aulas com a realidade fora da escola.

Vale também ressaltar que, Peregrino (2010) questiona sobre o quanto se deve denunciar os corporativismos, como mexer com as determinações institucionais limitantes da escola, sem culpar os agentes escolares (alunos); a autora questiona também como eliminar os preconceitos e interagir com o cotidiano dos alunos, para melhor entendê-los e assim preparar políticas educacionais condizentes com a realidade.

Sucedem que a instituição escolar não considera a juventude que há nos alunos e, muito menos, as diversidades, gerando um conflito entre os jovens e as instituições de ensino. De acordo com Dayrell (2007), as crianças e os jovens são, constantemente, bombardeados pelas instituições de ensino (escola, cursos, escolinhas esportivas), como se a vida deles fosse baseada somente na educação acadêmica. Nesse sentido, se considerarmos que a maioria dos jovens realmente acha essas instituições de ensino entediadas e considerando que as mídias sociais reforçam fortemente, algumas vezes de maneira implícita, padrões consumistas, consegue-se começar a especular sobre os motivos de os estudantes estarem à procura de trabalho antes mesmo de terminarem o ensino básico, ou de garantirem uma vaga no Ensino Superior.

Segundo Garcia (1993), os jovens colocam a escolaridade em segundo plano, já que ela não está ligada diretamente com a questão de sobrevivência, e priorizam outras necessidades, como a alimentação, saúde, habitação e certa independência financeira, necessidades que serão sanadas mais facilmente com uma renda mensal imediata. Por outro lado, o mercado de trabalho está exigindo cada vez mais um grau

maior de escolaridade, mesmo para funções que a escolaridade não é necessária. A autora coloca em evidência que, muitas vezes, essa escolaridade não garante um sucesso profissional, fazendo com que ela fique em um polo e a renda e igualdade de oportunidades em outro, aparentando que não há uma relação direta entre eles. No entanto, sabe-se que as Revoluções Industriais vêm exigindo cada vez mais conhecimentos técnicos e específicos, geralmente ligados à algum curso de graduação, principalmente após a década de 1970.

Não de forma a generalizar, mas para ilustrar a opinião dos alunos, o texto de Dayrell (2003) relata a interação do autor com alguns jovens. No texto, evidencia-se um dos exemplos em que o autor descreve a relação desses jovens com a escola. Sobre um dos jovens:

Cursa o 1º ano do ensino médio em uma escola estadual. A escola é a única atividade fixa que ele tem no seu cotidiano, além de ser a única instituição pública na qual pode ter acesso aos bens culturais e a um espaço de reflexão metódica sobre si mesmo e sobre o mundo. Mas a escola não consegue envolvê-lo, tornando-se uma obrigação necessária que ele apenas suporta. Além disso, a instituição não se mostra sensível à realidade vivenciada pelos alunos fora de seus muros. (DAYRELL, 2003, p. 08).

Novamente, não se pode generalizar esse exemplo para toda a população de jovens estudantes, mas sabe-se, por conversas e experiências cotidianas com os jovens, e a partir de outros estudos qualitativos, que há um grande número deles em situação semelhante, em que veem a escola como uma obrigação entediante e fora da realidade social (DAYRELL, 2003).

O autor também afirma que, para os alunos, o tempo de juventude consiste no presente, pois estão focados em diversões, prazeres, encontros, trocas afetivas, angústias e incertezas, mas que estejam em suas memórias de curto prazo no agora. Embora isso não signifique que esses jovens são alienados, ou que não nutram sonhos, ou desejos, Dayrell (2003) reforça que eles ainda não sabem fazer projetos de vida para a concretização dos objetivos, o que contribui ainda mais para o ceticismo em relação a um possível futuro redentor e de ascensão de classe através da educação.

Nesse sentido, sabe-se que, precocemente, o mundo do trabalho pouco acrescenta a esses jovens, além da renda, carecendo de experiências que, de fato, ajudem a explorar e melhorar suas potencialidades como cidadãos e trabalhadores

qualificados. Os trabalhos de Garcia (1993), Castro (2002) e Dayrell (2007) ainda afirmam que, além dos empregos que pouco contribuem para a ascensão do jovem como cidadãos pensantes e críticos, a escola também não contribuí para isso. Segundo os autores, os pais e alunos se questionam sobre a utilidade daquilo que aprendem nas escolas, alguns pais reclamam que, além do ensino básico, os alunos fazem cursos profissionalizantes, mas não aplicam o conhecimento adquirido. Dessa forma, os alunos acabam se sentindo frustrados por não se enquadrarem no modelo escolar e acabam culpando a si mesmos pelo fracasso escolar.

Ainda assim, não se pode colocar a culpa desse fracasso apenas na escola e nas políticas educacionais, como já reforçou Peregrino (2010), é necessário também ir mais a fundo e discutir sobre os mecanismos que fazem com que os jovens, das classes populares, continuem no ciclo de fracasso escolar até os dias atuais, isso mesmo com os avanços da globalização, das tecnologias e da internet. Segundo a autora, não é possível que a diferença entre o sucesso escolar dos jovens das escolas públicas e das escolas particulares seja explicado apenas como diferenças de dons naturais.

Além disso, recorrendo a Bourdieu, pode-se então sublinhar uma forte relação desse sucesso escolar com o privilegiado capital cultural herdado da família e da comunidade em que o jovem está inserido. Dessa forma, direta, ou indiretamente, as famílias transmitem seus valores e culturas para os jovens, e esses estão intimamente ligados com o sucesso, ou fracasso, escolar. Por exemplo, um jovem que recebe apoio familiar (seja por recomendações acadêmicas, ajuda nas tarefas de casa, informações sobre o sistema de ensino, educação suplementar, etc) tem muito mais chances de um sucesso acadêmico do que um jovem que não recebe esse tipo de apoio da família, ou do meio social. Nesse sentido, Dayrell (2003, p. 04) alega:

A possibilidade de o ser humano se constituir como tal depende tanto do seu desenvolvimento biológico, em especial do sistema nervoso, quanto da qualidade das trocas que se dão entre os homens no meio no qual se insere. O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere. Podemos concluir que o pleno desenvolvimento, ou não, das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere. Assim, concordo com Charlot, quando afirma que todo ser humano é sujeito. Mas temos de levar em consideração que existem várias maneiras de se construir como sujeito, e uma delas se refere aos contextos de desumanização, nos quais o ser humano é "proibido de ser", privado de desenvolver as suas potencialidades, de viver plenamente

a sua condição humana, como foi possível constatar em grande parte dos jovens pesquisados. (DAYRELL, 2003, p. 04).

Somado a isso, Bourdieu (1998) reforça que as pesquisas realizadas com estudantes de Letras mostram que a parte do capital cultural dos alunos é diretamente ligada à vida escolar, ou seja, a facilidade verbal e a cultura adquirida nas experiências extra-escolares contribuíam para os resultados acadêmicos dos alunos.

No Brasil, a ideia de homogeneidade da educação considera o jovem e o aluno como sendo a mesma coisa, considerando a diversidade e diferenças apenas em relação ao comportamento e ao aprendizado, forçando o aluno a se sujeitar à instituição, ou desistir. De acordo com Peregrino (2010), as múltiplas formas de inclusão econômica não correspondem com as de inclusão social; há uma sociedade paralela em que os sujeitos são incluídos economicamente, mas excluídos social, moral e até politicamente. Nesse sentido, a autora ainda enfatiza que essa exclusão vem sendo percebida como uma forma de denunciar a degradação das condições de vida da maior parte da população brasileira, que vem sendo desconsiderada por políticas públicas, sendo estas políticas compensatórias, ou emergenciais.

Vale também ressaltar que a educação é prometida como um direito a ser estendido a todos, mas vem se mostrando um privilégio das classes mais favorecidas, mascarando assim a exclusão citada anteriormente e o contexto brasileiro, percebido na ideia do poder simbólico. Bourdieu (1998) faz uma crítica à escola de massas, relacionando-a com a ideia do capital cultural e sua força sobre a construção da desigualdade social, para além de desigualdades internas ao sistema escolar:

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Pensando dessa forma, os acadêmicos, os políticos, os pesquisadores, os professores, os pedagogos, em geral, toda a sociedade acadêmica envolvida com a escola, e não só a escola, tem certa responsabilidade sobre a situação atual da educação no país. Visto que constantemente ignoram o cenário educacional e

continuam suas atividades normalmente, dentro de padrões que se distanciam das condições reais em que a escolarização acontece.

Nesse contexto, a atitude de esquecer a realidade social acaba reproduzindo e reforçando a herança do fracasso escolar, formando uma população cada vez maior de analfabetos funcionais, o que não é conveniente para a própria classe popular, mostrando assim, de certa forma, a força do poder simbólico. Peregrino (2010) afirma que esse cenário está empurrando as pessoas das classes populares para condições subalternas de reprodutores mecânicos do sistema econômico, reprodutores que não reivindicam, nem protestem, em face de privações, injustiças e carências.

De forma que os conhecimentos que a escola transmite continuam sendo baseados em uma soma de saberes que são adequados às necessidades e ao capital cultural dos alunos das classes altas. Esses fatos acabam sendo, constantemente, mascarados por discursos de autossuperação das condições inferiores com a ajuda da escola e do estudo, como se fosse apenas uma questão de esforço pessoal para se encaixar nas condições impostas. Nesse sentido, Bourdieu (1998, p. 58) afirma:

Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social, e operando uma seleção que – sob as aparências da equidade formal – sanciona e consagra as desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima. Conferindo uma sanção que se pretende neutra, e que é altamente reconhecida como tal, a aptidão socialmente condicionada que trata como desigualdade de “dons” ou de mérito, ela transforma as desigualdades de fato em desigualdades de direito, as diferenças econômicas e sociais em “distinção de qualidade”, e legitima a transmissão da herança cultural. Por isso, ela exerce uma função mistificadora. Além de permitir à elite se justificar de ser o que é, a “ideologia do dom”, chave do sistema escolar e do sistema social, contribui para encerrar os membros das classes desfavorecidas no destino que a sociedade lhe assinala, levando-os a perceberem como inaptidões naturais o que não é senão efeito de uma condição inferior, e persuadindo-os de que eles devem o seu destino social (cada vez mais estreitamente ligado ao seu destino escolar, à medida que a sociedade se racionaliza) – à sua natureza individual e à sua falta de dons. (BOURDIEU, 1998, p. 58)

Em relação à ideia de que há algumas exceções, e que muitos alunos conseguem superar as dificuldades e “vencer na vida”, e que, portanto, o problema não seria do sistema escolar, mas sim dos alunos que não fazem o que deveriam fazer, ou que não estudam o quanto deveriam estudar, o sociólogo ainda esclarece:

O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, e dá crédito ao

mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou, fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons. Enfim, aqueles que a escola “liberou”, mestres ou professores, colocam sua fé na escola libertadora a serviço da escola conservadora, que deve ao mito da escola libertadora uma parte de seu poder de conservação. Assim, o sistema escolar pode, por sua lógica própria, servir à perpetuação dos privilégios culturais sem que os privilegiados tenham de se servir dele. Conferindo às desigualdades culturais uma sanção formalmente conforme aos ideais democráticos, ele fornece a melhor justificativa para essas desigualdades. (BOURDIEU, 1998, p. 58).

O texto de Bourdieu aborda situações da realidade francesa, e observa-se que ele corresponde com a realidade brasileira atual, em que as políticas não são feitas e discutidas pelos sujeitos a quem elas mais irão afetar. Além disso, percebe-se muita semelhança com a escola reproduzindo as desigualdades e o fracasso, com as justificativas das elites, ou até mesmo com o sucesso de apenas alguns jovens estudantes. Todas essas situações são observáveis na realidade atual brasileira, deixando em evidência que muitas explicações dadas pelos autores têm correspondência com a realidade e podem ser relevantes para entender o que acontece com os jovens do Ensino Médio, seus pontos de vista e suas expectativas futuras.

Portanto, como visto, não se pode culpar apenas a escola exigindo dela as soluções para os problemas que são de responsabilidade da sociedade toda. Um dos problemas que Bourdieu evidencia é o de que as propostas e políticas escolares se baseiam em julgamentos que os políticos, ou até mesmo os professores, fazem sobre os problemas e a realidade dos jovens, sem considerar as opiniões destes sobre as necessidades deles próprios. Nesse sentido, a visão sobre uma situação de quem não passou por essa situação, ou não a vivenciou, é diferente daquela de alguém que a vivenciou, em todas as esferas sociais, ou seja, a visão de quem está de fora é diferente da visão de quem está no interior de uma situação. Sendo que ambas as visões são importantes e necessárias em discussões sobre gestão e políticas educacionais, ou seja, a voz do “outro” existe e merece ser considerada.

### 3 A PESQUISA EMPÍRICA: PROCEDIMENTOS, INSTRUMENTOS E COLABORADORES

Um dos objetivos da pesquisa é justamente aproximar-se dos alunos para coletar suas opiniões e para, a partir do ponto de vista deles e das experiências sociais que eles vivem, estudar e analisar se, e como, a perspectiva de continuar os estudos está colocada no horizonte desses alunos. Para os objetivos desta pesquisa, entendeu-se que um questionário (Apêndice A) seria adequado para fazer a aproximação inicial com a problemática em estudo, apontando elementos para possíveis futuros estudos.

Destaca-se que os questionários são aqui considerados como instrumentos adequados para fazer aproximação com os alunos, sujeitos participantes, permitindo obter informações e opiniões deles sobre os temas de interesse do pesquisador. Dessa forma, o instrumento é válido para estudos de natureza exploratória, embora sejam reconhecidos seus limites – não permitindo aprofundar significados para determinadas ações ou pontos de vista dos sujeitos. Dado a carência de dados atuais acerca das opiniões de jovens do Ensino Médio, no Brasil, em relação à escola, uma possível solução para repensar e planejar políticas, além de ressignificar não só a Física, mas todas as disciplinas escolares para os jovens, seria conhecer melhor e considerar a trajetória deles, suas opiniões, desejos e interesses.

A leitura de artigos, livros, publicações em *sites* educacionais, textos em redes sociais e, principalmente, o convívio com os estudantes no ambiente escolar contribuíram para elaborar o questionário adequado para o estudo desejado. Com esse o instrumento elaborado, foi necessário entrar em contato com algumas escolas públicas para que a pesquisa fosse realizada.

O questionário incluiu uma apresentação por escrito sobre as intenções de pesquisa para os alunos e um conjunto de questões com alternativas, com espaços para acréscimos de comentários, e com uma única questão dissertativa no fim.

As questões abordaram temas sobre a vida pessoal dos alunos como: trabalho remunerado; informações sobre os responsáveis; questões socioeconômicas; interesses sobre assuntos diários; relações com leitura; afazeres diários; as expectativas de continuação de estudos e informações sobre a universidade.

Por meio desse instrumento, foi feita a coleta de informações que permitiram produzir dados relacionados aos elementos das condições de vida dos jovens, como situação socioeconômica, capital social e cultural. A sistematização dos resultados foi feita por meio de uma análise quantitativa e qualitativa das respostas dadas pelos alunos, buscando-se a relação com as referências, as ideias de Bourdieu e com a situação atual da educação brasileira.

Na primeira etapa de trabalho empírico, o instrumento foi aplicado na escola B, localizada na região central de Curitiba. A sede atual da escola B tem mais de 50 anos, pode ser considerada de grande porte pelo número de alunos que atende, nos cursos de Ensino Médio, além de outros níveis, nos turnos da manhã, tarde e noite, conta com um grande número de professores e funcionários, a maioria de efetivos. O ambiente tem boas instalações físicas e ambientes para atividades diferenciadas e pode-se dizer que atende os alunos em suas diferentes necessidades, como atividades complementares e apoio pedagógico.

Em relação ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola B, a versão disponível informa que “o PPP é o integrador entre currículo, planejamento, atividades, ciência, cultura e trabalho. Portanto, é o projeto pedagógico que integra as atividades (...). Todas as propostas integradoras (...) devem partir de uma concepção maior que toma trabalho como princípio educativo, ou seja, relacionar a teoria e a prática (...)”. O PPP também “prioriza a aquisição de conhecimentos essenciais à formação integral do adolescente, de maneira a fazê-lo capaz de interpretar o mundo em que está inserido. Para tanto, os conteúdos de cultura são trabalhados de maneira gradativa e sempre vinculados à realidade histórico-social, visando o pleno desenvolvimento da cidadania e o ingresso nos cursos de Pós-Médio ou Ensino Superior”.

Para a realização da pesquisa, foi feito contato com a direção da escola para pedir sua autorização e, após isso, também fez-se contato com professores e alunos. O tema da pesquisa foi apresentado de forma ampla, para duas turmas do 3º ano do Ensino Médio no período noturno. Ao todo foram cerca de 50 alunos, na escola B, que se mostraram receptivos e interessados e dispostos a colaborar com a pesquisa.

Nesta primeira etapa, o instrumento de pesquisa mostrou-se adequado para os objetivos da pesquisa. Apenas duas das questões necessitaram ser ajustadas para a segunda etapa a ser realizada em outra escola (escola A). Os dados puderam ser utilizados nas análises e contribuíram para a elaboração dos resultados finais.

A segunda escola da pesquisa, escola A, está localizada em bairro na região sul, na periferia de Curitiba, a cerca de 20 km da região central. Pode ser considerada de médio porte, e oferta Ensino Fundamental e Médio, nos turnos manhã, tarde e noite. Do ponto de vista da estrutura física, as instalações são adequadas e há espaços, ambientes para algumas atividades diferenciadas e também há possibilidades de atendimento a alunos com dificuldades para aprender.

Foi realizado o mesmo processo de acesso à escola A: inicialmente foi feito contato com a direção, seguido de encontro com professores e alunos. A pesquisa foi apresentada e o instrumento foi aplicado. Na escola A, participaram cerca de 130 alunos divididos em três turmas do 3º ano do Ensino Médio do período diurno e duas turmas do 3º ano do período noturno, que também foram receptivos e se interessaram em colaborar com a pesquisa.

Portanto, nas considerações finais, serão analisadas as possibilidades que a escola, as propostas educacionais atuais e especialmente a disciplina de Física possam ser ressignificadas por estes alunos, abrindo espaço para projetos futuros relacionados ao conhecimento e a contextualização do ensino, além de possíveis estímulos para uma vida acadêmica no Ensino Superior.

## 4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Como explicado, os dados foram produzidos a partir de um questionário e serão apresentados a seguir. Em ambas as escolas, foi aplicado o mesmo instrumento (Apêndice A), com diferenciação em duas das questões do questionário (questão 8 e 24), que foi aperfeiçoado após a primeira aplicação feita na Escola B.

Serão apresentados inicialmente os dados gerais obtidos em ambas as escolas. A cada questão, mostra-se um gráfico para visualização dos resultados, em percentual, e das diferenças entre os participantes das escolas A e B. Todos os gráficos foram feitos pelo autor e indicaram o percentual de alunos que marcaram cada opção no questionário, sendo esse percentual em relação ao total de alunos em cada uma das escolas, alguns números podem não bater porque houve alunos que não responderam algumas das questões, ou não responderam o questionário inteiro. Sendo assim, na Escola A foram cerca de 133 participantes e na Escola B foram cerca de 50 participantes.

### 4.1 OS JOVENS ALUNOS E SUAS CARACTERÍSTICAS

A primeira questão abordou sobre o gênero dos alunos. Em ambas as escolas, houve um equilíbrio entre o número de alunos e alunas, além de um número menor de alunos que desejou não se identificar. Na escola A, participaram da pesquisa cerca de 63 alunos (47,4%) do gênero masculino, 60 delas (45,1%) do gênero feminino e 10 (7,5%) que não quiseram se identificar. Na escola B, foram registrados cerca de 23 alunos (46,9%) do gênero masculino, 23 delas (46,9%) do gênero feminino e 3 (6,1%) que não quiseram se identificar.

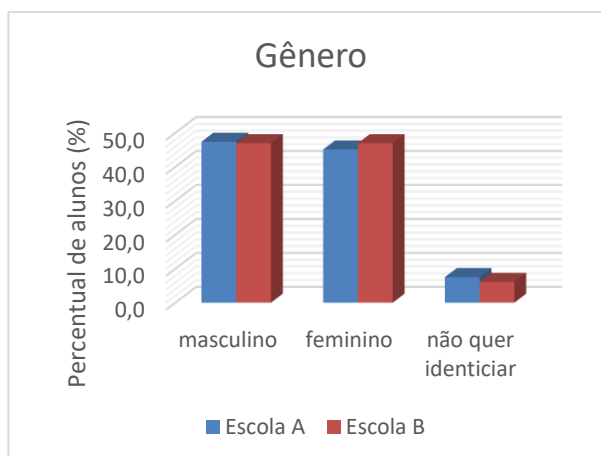


Gráfico 1: Gênero dos alunos.

A segunda questão abordou sobre a etnia dos alunos. Em ambas as escolas, a maioria de alunos se auto-identificou como brancos, ou pardos. Na escola A, foram cerca de 77 alunos brancos (57,9%), 9 negros (6,8%), 2 indígenas (1,5%), 1 mulato (0,8%), 35 pardos (26,3%), 5 não sabiam (3,8%), 3 não quiseram se identificar (2,3%) e 1 deles (0,8%) marcou a opção "outros". Na escola B, tivemos 27 alunos brancos (55,1%), 8 deles negros (16,3%), 1 mulato (2%), 11 pardos (22,4%) e 3 deles (6,1%) não quiseram se identificar.

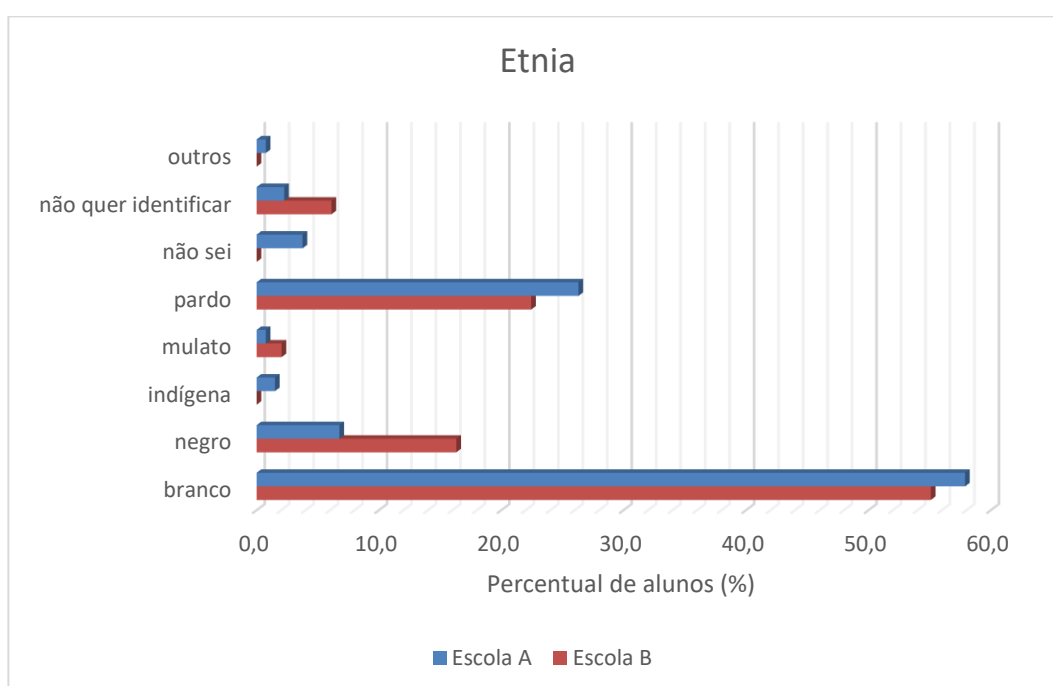


Gráfico 2: Etnia dos alunos.

A terceira questão abordou sobre trabalhos remunerados. Na escola A, 55 alunos (41,4%) trabalhavam com remuneração, 66 (49,6%) não trabalhavam e 11 deles (8,3%) trabalhavam de vez em quando. Proporcionalmente ao total de colaboradores, um número maior de alunos que trabalhavam foi encontrado na escola B: 27 alunos (55,1 %) trabalhavam com remuneração, 15 (30,6%) não trabalhavam e 7 deles (14,3%) trabalhavam de vez em quando.

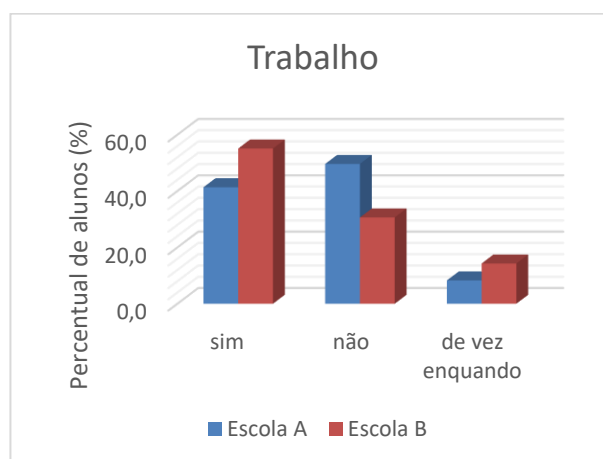


Gráfico 3: Alunos que exercem trabalho remunerado.

Portanto, quanto à identificação, pode-se dizer que os participantes da pesquisa, embora frequentando escolas distintas em porte, localização na cidade (central e periférica) e condições de estrutura, além de que frequentavam as aulas em turnos diferenciados, apresentaram características gerais correspondentes às médias identificadas pelas pesquisas nacionais quanto a gênero, etnia e atividade de trabalho remunerado.

#### 4.2 OS JOVENS E SEU NÚCLEO FAMILIAR

A quarta questão abordou sobre o tempo que os alunos moravam em suas respectivas residências, também foram obtidos resultados diferentes entre as escolas. Na escola B, observou-se uma distribuição homogênea em relação aos tempos de moradia propostos, enquanto, na escola A, verificou-se, claramente, uma polarização, em que a esmagadora maioria dos alunos moravam em suas casas há mais de 10

anos. Visto que, na escola A, 40 alunos (30,1%) moravam na mesma residência desde que nasceram, 6 (4,5%) há menos de um ano, 23 (17,3%) de um a cinco anos, 10 (7,5%) de cinco a dez anos e 54 deles (40,6%) há mais de dez anos. Na escola B, 15 alunos (30,6%) moravam na mesma residência desde que nasceram, 11 (22,4%) há menos de um ano, 8 (16,3%) de um a cinco anos, 7 (14,3%) de cinco a dez anos e 9 deles (18,4%) há mais de dez anos.

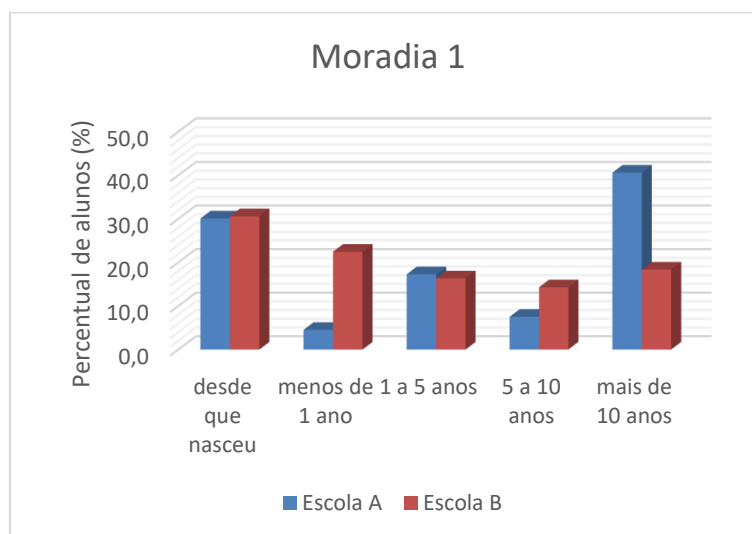


Gráfico 4: Tempo de moradia dos alunos na mesma casa.

A quinta questão abordou sobre a companhia dos jovens em suas residências. Em ambas as escolas, a grande maioria dos alunos viviam com os pais. Na escola A, 114 alunos (85,7%) moravam com os pais, 7 (5,3%) com outros familiares, 11 (8,3%) com o/a companheiro/a e 1 deles (0,8%) com amigos. Na escola B, 44 alunos (89,8%) moravam com os pais, 2 (4,1%) com outros familiares, 2 (4,1%) com o/a companheiro/a e 2 deles (4,1%) sozinhos.

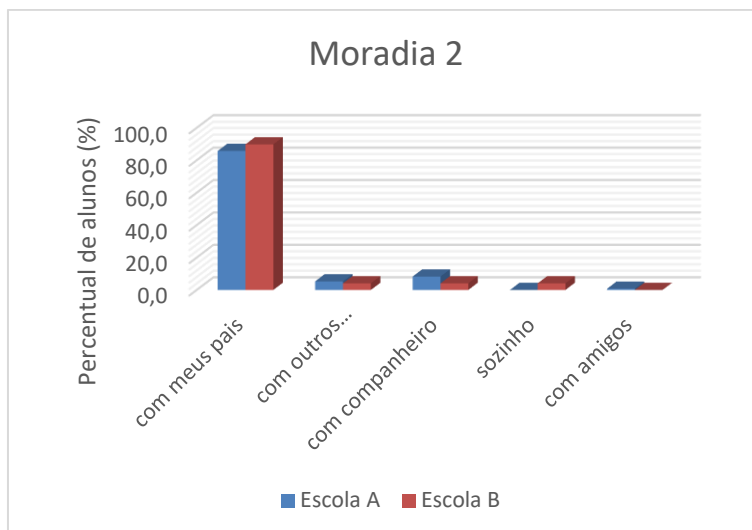


Gráfico 5: Com quem moram os alunos.

A sexta questão abordou sobre a composição do núcleo familiar dos jovens. Na escola A, 53 alunos (39,8%) moravam com até três pessoas, enquanto 77 deles (60,2%) estavam inseridos em grupos de mais de 4 pessoas. Na escola B, 2 alunos (4,1%) que moravam sozinhos, 19 deles (38,8%) com 2, ou 3 pessoas e 29 (59,2%) estavam situados em grupos de mais de 4 pessoas na mesma residência.

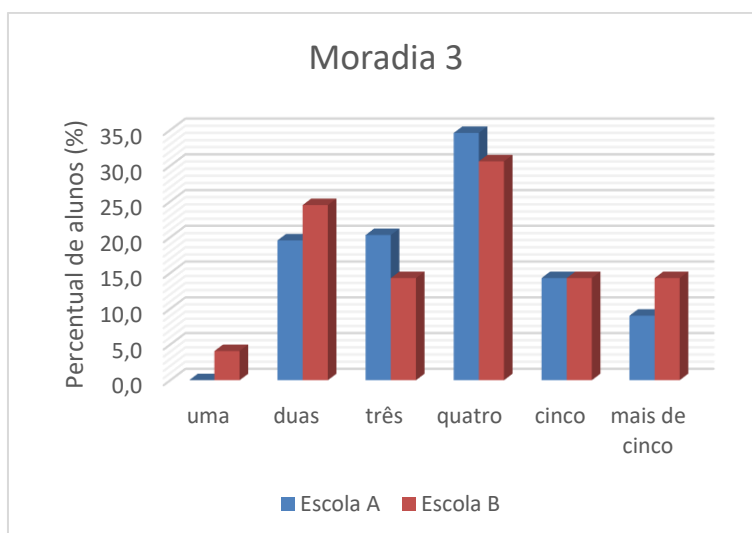


Gráfico 6: Número de moradores na residência.

Para situar elementos relativos ao capital cultural, tomou-se como indicador a escolaridade dos pais, sétima questão do questionário, que com base nos referenciais teóricos pode ser entendido como elemento de distinção entre grupos e classes

sociais. Em relação aos pais (masculino), na escola da região central, a maioria teve Ensino Médio completo e Nível Superior, enquanto na escola periférica registrou-se uma maioria com o Ensino Fundamental incompleto, ou completo. Além de que, em ambas as escolas, registrou-se alguns que nunca foram à escola.

Ainda em relação aos pais dos alunos, interessa destacar que proporcionalmente houve mais homens (60%) com ensino médio completo e superior na escola B do que na A (36,8%). Além disso, um outro dado é que enquanto, na escola B, o número de pais com ensino superior foi o mesmo que os com ensino médio completo (15 pais e 15 mães). Entretanto, na escola A, notou-se uma diferença: 38 pais com ensino médio completo e 11 deles com ensino superior.

Em relação às mães, houve um maior número em situações de estudos incompletos nos diferentes níveis escolares. Na escola A, tivemos 1 (0,8%) mãe que nunca foi à escola. Destaca-se a relação entre ensino médio completo e superior que, na escola B, foram 28 mães (56%), mas apenas 10 delas (20%) que registram a continuidade de formação em Nível Superior.

Na escola A, à escolaridade das mães com ensino médio incompleto, completo e ensino superior é proporcionalmente maior que a dos pais na mesma escola – são 55 mães (41,3%) e 49 pais (36,8%) com essa escolarização. Ainda que pequena, a diferença corresponde também aos índices nacionais que mostram maior escolarização entre elas. Desse modo, a situação das mães mostrou que 17 delas (12,7%) tinham ensino superior, enquanto foram apenas 11 dos pais (8,2%) que registraram esse nível escolar.

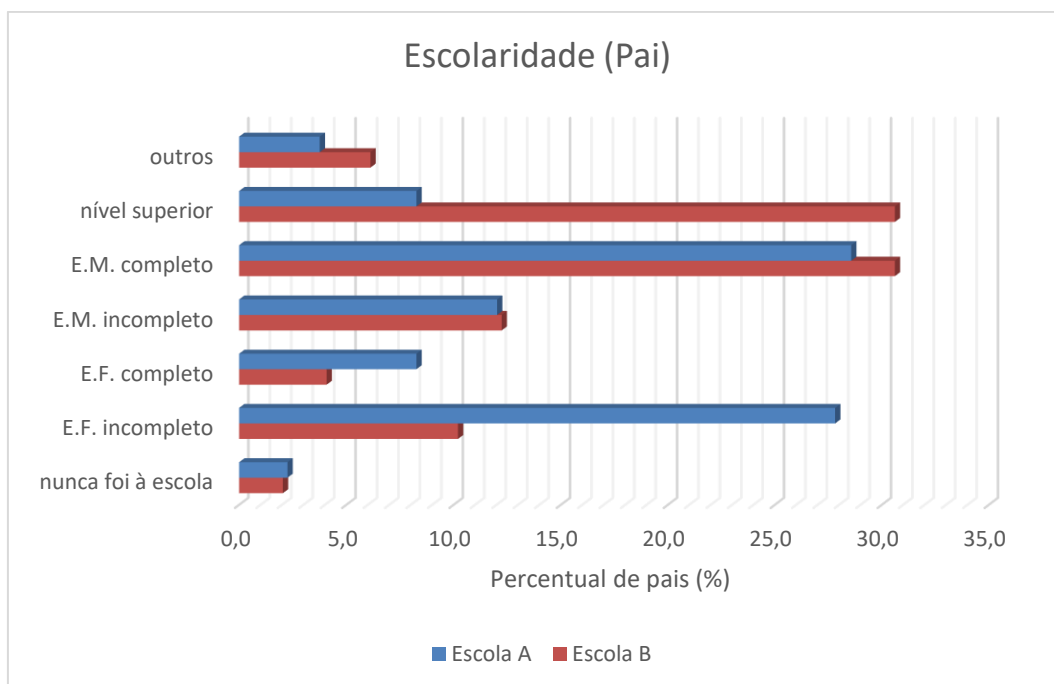


Gráfico 7: Escolaridade dos pais.

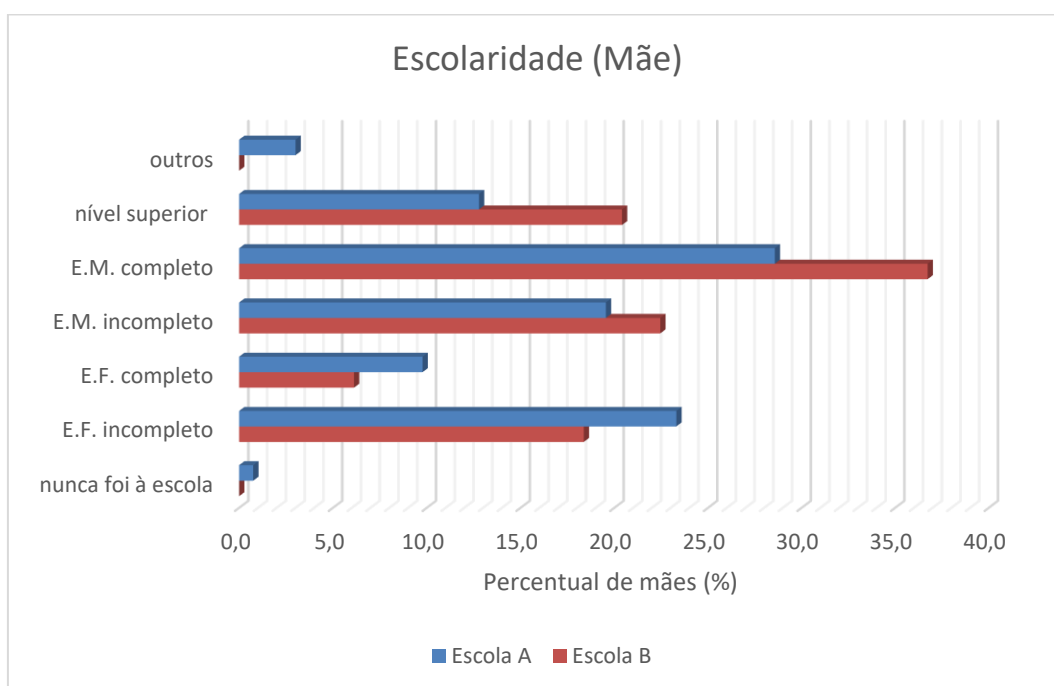


Gráfico 8: Escolaridade das mães.

A oitava questão do questionário foi relativa à profissão dos pais e mães, ou responsáveis. Em relação a ambos os pais, nas duas escolas, a maioria deles eram autônomos, ou assalariados em empresas, sendo que uma minoria estava desempregados. A fim de aumentar a especificidade das opções, nessa questão

houve um ajuste da escola B para a escola A. Na escola B, havia apenas a opção “assalariado/a em empresa”, enquanto, na escola A, acrescentou-se as opções “assalariado/a em indústria”, “assalariado/a no comércio” e “assalariado/a na prestação de serviços”, por esse motivo os Gráficos 8 e 9 não apresentam números para essa opção na escola B.

Na escola A, foram 4 pais (masculino) agricultores (3%), 3 empregados rurais (2,3%), 5 servidores públicos (3,8%), 2 domésticos não remunerados (1,5%), ou seja, trabalham em suas residências, sem renda fixa por esse trabalho, 41 autônomos (30,8%), 38 assalariados em empresa (28,6%), 7 assalariados em indústria (5,3%), 3 assalariados em comércio (2,3%) e 3 deles assalariados na prestação de serviços (2,3%). Na escola B, teve 1 pai agricultor (2%), 6 servidores públicos (12,2%), 1 doméstico não remunerado (2%), 12 autônomos (24,5%), 24 deles assalariados em empresa (49%).

Em relação às mães, na escola A, foram 2 mães agricultoras (5,3%), 8 servidoras públicas (6%), 33 domésticas não remuneradas (24,8%), 29 autônomas (21,8%), 31 assalariadas em empresa (23,3%), 2 assalariadas em indústria (1,5%), 10 assalariadas em comércio (7,5%) e 6 delas assalariadas na prestação de serviços (4,5%). Na escola B, foram 2 mães empregadas rurais (4,1%), 6 servidoras públicas (12,2%), 7 domésticas não remuneradas (14,3%), 15 autônomas (30,6) e 17 delas assalariadas em empresa (34,7%).

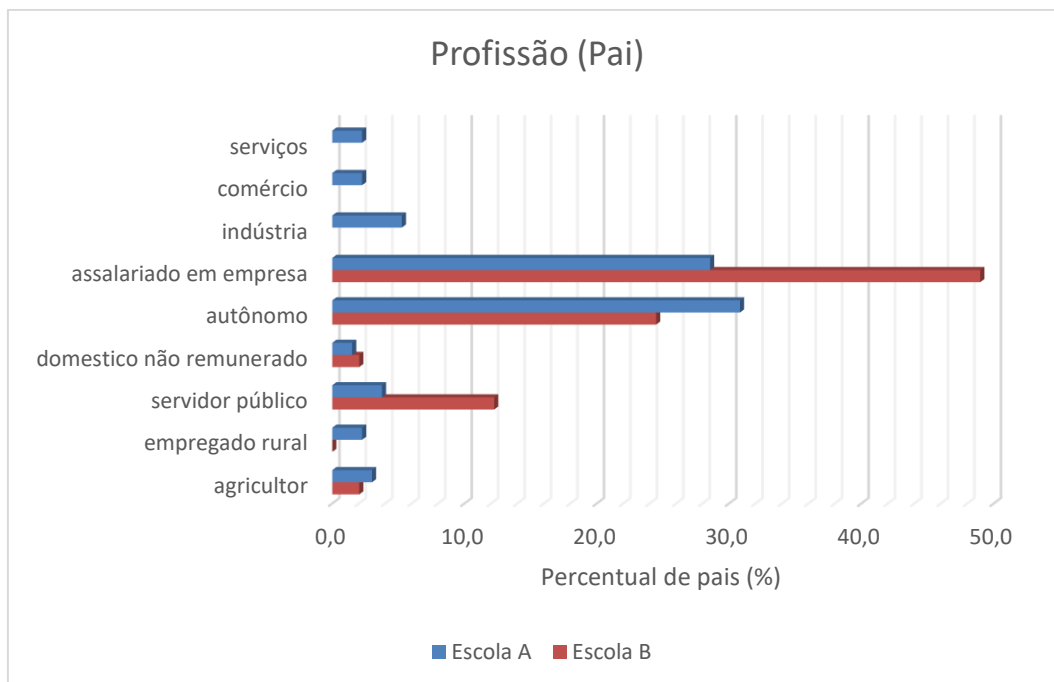


Gráfico 9: Profissão dos pais.

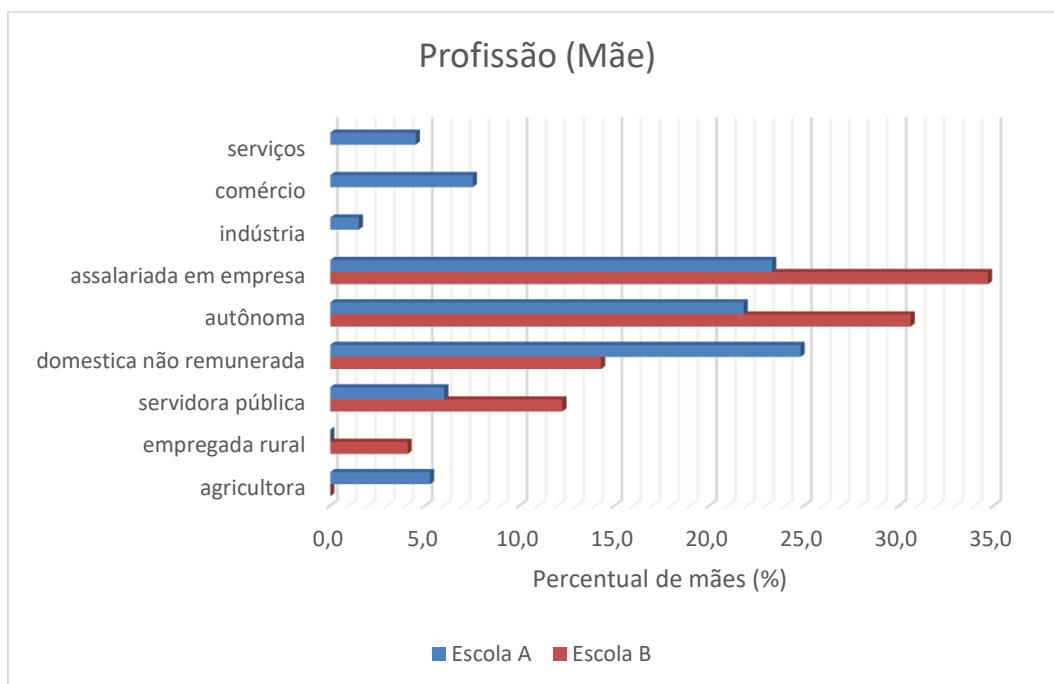


Gráfico 10: Profissão das mães.

A nona questão foi quanto à renda familiar total mensal. Em ambas as escolas, a maioria dos alunos informou possuir renda familiar de até três salários mínimos, em

2017<sup>2</sup>. Na escola A, foram 63 alunos (47,4%) com renda familiar de até três salários mínimos, 39 (29,3%) com renda de três a cinco salários mínimos, 25 (18,8%) com renda de cinco a dez salários e 5 deles (3,8%) com renda de mais de dez salários.

Na escola B, foram 25 alunos (51%) com renda familiar de até três salários mínimos, 13 (26,5%) com renda de três a cinco salários, 11 (22,4%) com renda de cinco a dez salários e 1 deles (2%) com renda de mais de dez salários.

Proporcionalmente ao total de alunos, as faixas salariais tiveram correspondência nas duas escolas, situando cerca de metade dos alunos na faixa salarial mais baixa, de até três salários mínimos. Além disso, mais de 75% dos grupos familiares de ambas as escolas teve renda mensal de até 5 salários mínimos.

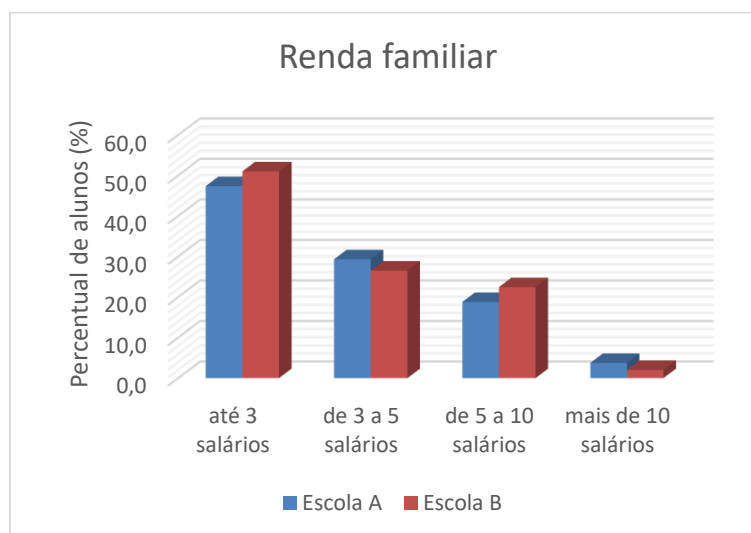


Gráfico 11: Renda mensal do grupo familiar dos alunos.

Portanto, quanto às questões sobre o grupo familiar e suas características, destacou-se a relação entre o número de pais e mães que têm ensino superior e médio completo. Nesse sentido, observou-se uma diferença entre esses números, o que permite inferir sobre as dificuldades e possibilidades que os pais dos jovens também encontraram e têm encontrado para dar continuidade aos estudos em universidades, conforme apontado nos estudos nacionais atuais sobre a juventude e também no referencial bibliográfico utilizado.

<sup>2</sup> Valor do salário mínimo no ano: R\$ 937,00, equivalente a 286 USD no valor da época.

### 4.3 OS JOVENS E SUAS EXPERIÊNCIAS CULTURAIS

Como apontado pelos autores referenciados, deve-se falar em juventudes e não em juventude. Uma vez que, também apontou-se a existência de diferentes formas de ser jovem nos dias atuais. Assim, algumas questões procuraram registrar atividades cotidianas dos jovens, para além da escola, a fim de estabelecer relações com o tipo de experiência cultural e de conhecimentos em que estes alunos estavam inseridos.

A décima questão foi relacionada aos eletrodomésticos e acessórios que estavam disponíveis em suas residências, observou-se que praticamente todos os alunos possuíam TV, geladeira e forno de micro-ondas. Na escola A, 125 dos alunos (94%) possuíam TV, 90 (67,7%) mini/micro system, 119 (89,5%) geladeira, 55 (41,4%) freezer, 116 (87,2%) forno de micro-ondas (87,2%) e 45 deles (33,8%) aquecedor. Na escola B, 50 dos alunos (100%) possuíam TV, 36 (73,5%) mini/micro system, 49 (98%) geladeira, 24 (49%) freezer, 44 (89,8%) forno de micro-ondas e 18 deles (36,7%) aquecedor.

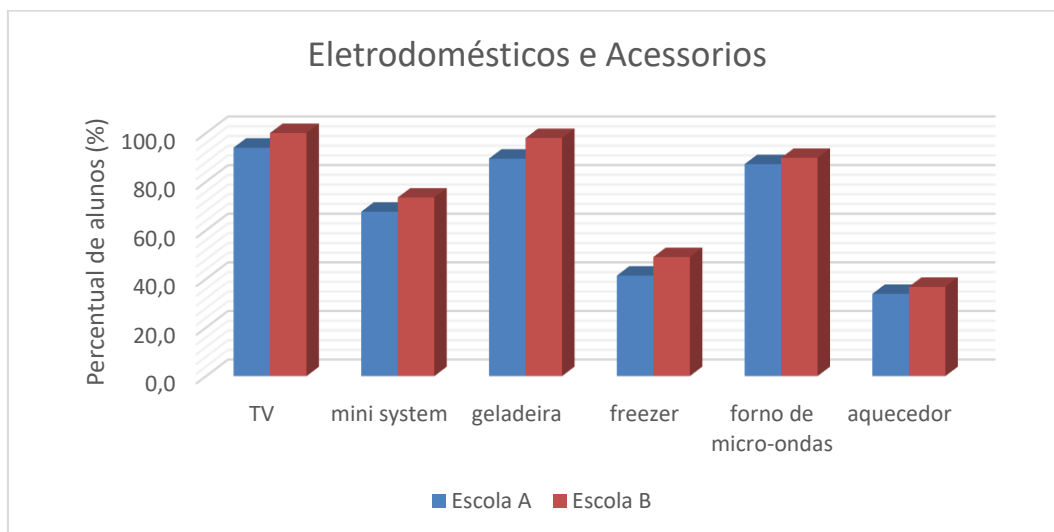


Gráfico 12: Eletrodomésticos e acessórios disponíveis nas moradias dos alunos.

Dada a presença crescente de tecnologias na vida das famílias e a importância que as redes sociais ganharam na comunicação e nas relações entre as pessoas, procurou-se saber como os jovens se situam em relação a esses elementos

da vida cotidiana atual. Nesse sentido, a décima primeira questão pedia informações sobre a posse específica de computadores pelos alunos. Na escola A, 101 alunos (75,9%) possuíam computadores e 28 deles (21,1%) não. Na escola B, 41 alunos (83,7%) possuíam computadores e 9 deles (16,3%) não.

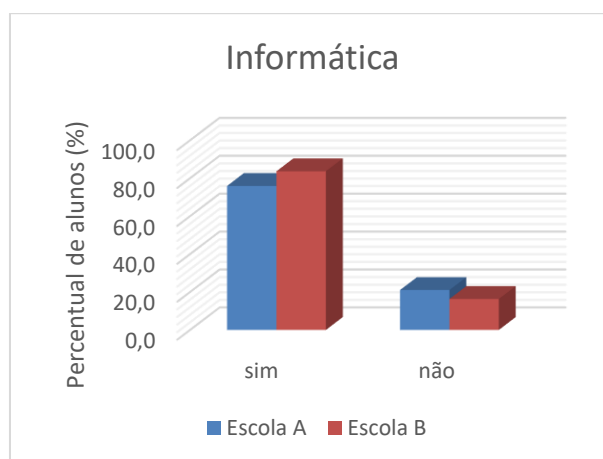


Gráfico 13: Computadores disponíveis nas moradias dos alunos.

A décima segunda questão foi relacionada ao acesso à internet. Em ambas as escolas, todos os alunos informaram que tinham acesso de alguma forma. Na escola A, 1 aluno (0,8%) respondeu que não tinha acesso, 112 (84,2%) tinham acesso em casa, 59 (44,4%) tinham acesso pelo celular, 11 (8,3%) tinham acesso na escola, 5 (3,8%) tinham acesso em *lanhouses* e 14 deles (10,5%) tinham acesso em outros lugares. Na escola B, 38 alunos (77,6%) tinham acesso em casa, 31 (63,3%) tinham acesso pelo celular, 6 (12,2%) tinham acesso na escola e 11 deles (22,4%) tinham acesso em outros lugares. Os dados evidenciam, assim, um alto grau de acesso, que se dá predominantemente nas casas ou em outros lugares, e ainda por meio de computadores ou celulares.

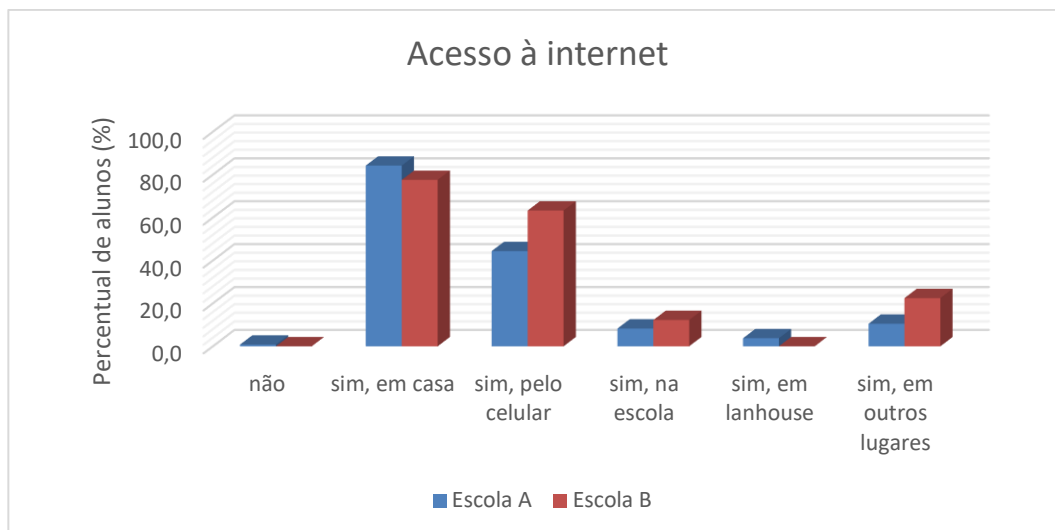


Gráfico 14: Possibilidades de acesso dos alunos à internet.

A décima terceira questão foi referente à frequência de acesso à internet dos alunos. Com esse grau de acesso, a frequência com que os alunos acessam a internet também foi alta, uma vez que a grande maioria dos alunos acessou mais de uma vez por dia. Na escola A, 1 aluno (0,8%) acessou à internet uma vez por mês, 4 (3%) uma vez por dia, 69 (47,4%) acessou algumas vezes por dia e 65 deles (48,9%) vivem conectados à internet. Na escola B, tivemos que 1 aluno (2%) acessou uma vez por semana, 5 (10,2%) uma vez por dia, 20 (40,8%) acessou algumas vezes por dia e 24 deles (49%) vivem conectados à internet.

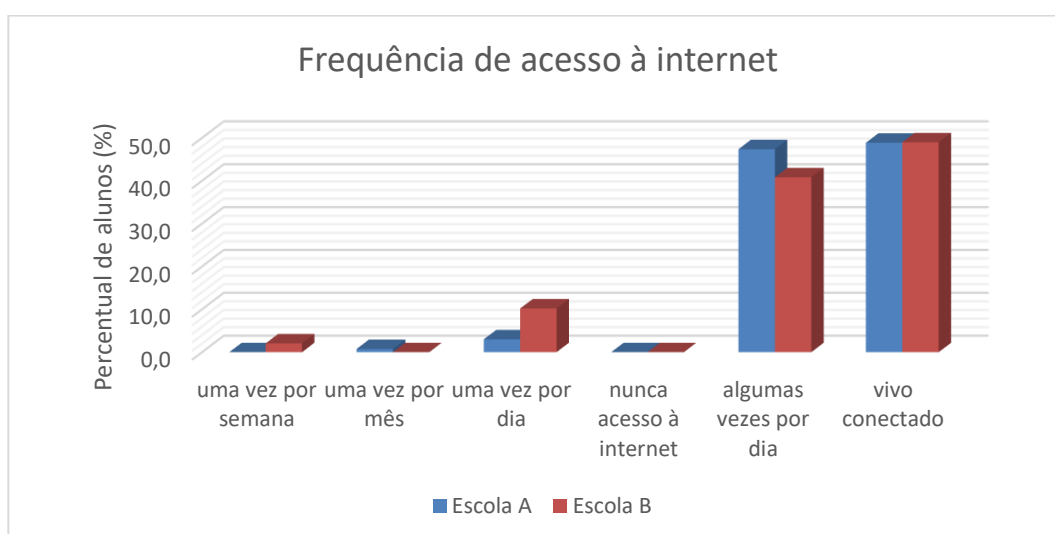


Gráfico 15: Frequência de acesso dos alunos à internet.

Para além do uso das tecnologias de comunicação e informação, algumas questões estavam relacionadas aos interesses e acompanhamentos dos alunos em diversos assuntos, essa foi a décima quarta questão. Esses assuntos foram: esportes, política, questões sobre o meio ambiente, livros e estudos futuros, cinema e teatro, saúde, trabalho e emprego, invenções e tecnologias, música e viagens e outros lugares.

Em relação aos interesses dos alunos em esportes. Na escola A 58 alunos (43,6%) apontaram ter muito interesse, 45 (33,8%) um pouco de interesse e 26 deles (19,5%) que não se interessavam. Na escola B, tivemos 18 alunos (36,7%) com muito interesse, 20 (40,8%) com um pouco de interesse e 12 deles (24,5%) que não se interessavam.

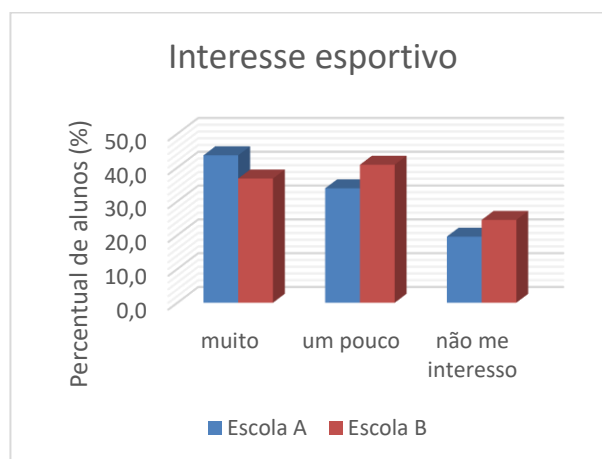


Gráfico 16: Interesse dos alunos em relação a esportes.

Em relação aos interesses dos alunos sobre o tema de política. Na escola A, foram 10 alunos (7,5%) com muito interesse, 63 (47,4%) com um pouco de interesse e 60 deles (45,1%) que não se interessavam. Na escola B, tivemos 13 alunos (26,5%) com muito interesse, 31 (63,3%) com um pouco de interesse e 6 deles (12,2%) que não se interessavam. Notou-se que, em ambas as escolas, o maior percentual de alunos está situado nas opções de pouco ou nenhum interesse. No entanto, deve-se destacar que o interesse pelo tema é maior entre os jovens da escola B.

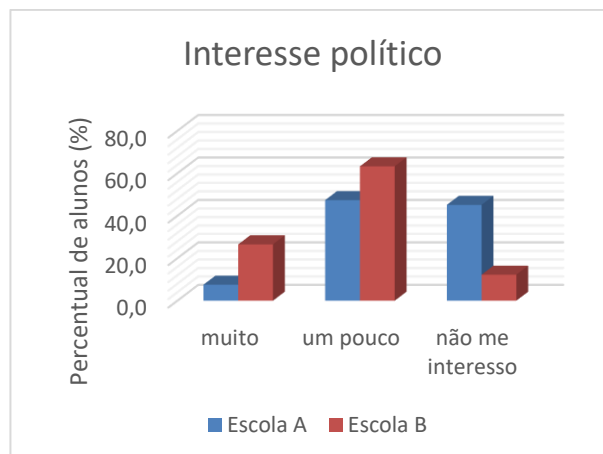


Gráfico 17: Interesse dos alunos em relação à política.

Em relação aos interesses dos alunos em questões sobre o meio ambiente. Na escola A, registram-se 15 alunos (11,3%) com muito interesse, 78 (58,6%) com um pouco de interesse e 40 deles (30,1%) que não se interessavam. Na escola B, tivemos 15 alunos com muito interesse (30,6%), 23 (46,9%) com um pouco de interesse e 12 deles (24,5%) que não se interessavam em questões sobre o meio ambiente. Também sobre esse tema, proporcionalmente houve mais alunos interessados na escola B do que na escola A.

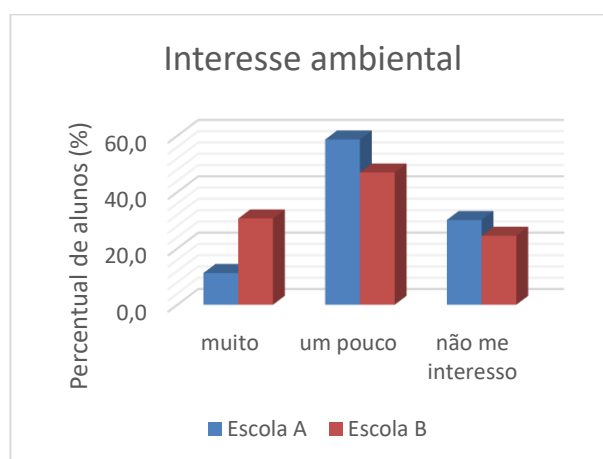


Gráfico 18: Interesse dos alunos por questões sobre o meio ambiente.

Em relação aos interesses dos alunos em cinema e teatro. Na escola A, foram 43 alunos com muito interesse (32,3%), 62 (46,6%) com um pouco de interesse e 24

deles (18%) que não se interessavam. Na escola B, foram 27 alunos (55,1%) com muito interesse, 20 (40,8%) com um pouco de interesse e 3 deles (6,1%) que não se interessavam em cinema e teatro. Observa-se aqui uma diferença entre as duas escolas, pois, na escola A, predomina a opção relacionada ao pouco interesse.

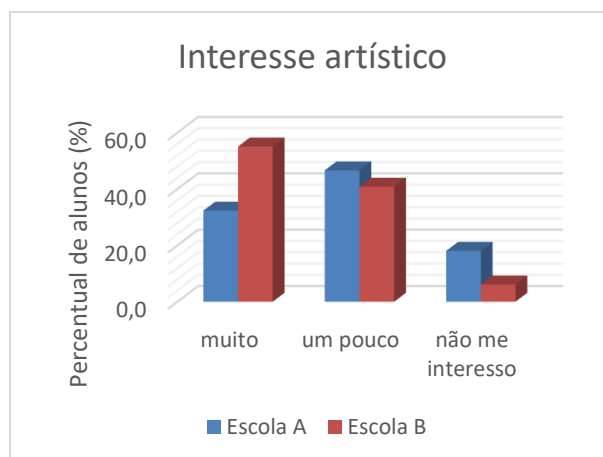


Gráfico 19: Interesse dos alunos em relação ao cinema e ao teatro.

Em relação aos interesses dos alunos em saúde. Na escola A, foram 58 alunos (43,6%) com muito interesse, 57 (42,9%) com um pouco de interesse e 19 deles (14,3%) que não se interessavam. Na escola B foram 25 alunos (51%) com muito interesse, 20 (40,8%) com um pouco de interesse e 5 deles (10,2%) que não se interessavam em saúde. A distribuição entre as opções mostrou-se equilibrada nas duas escolas.

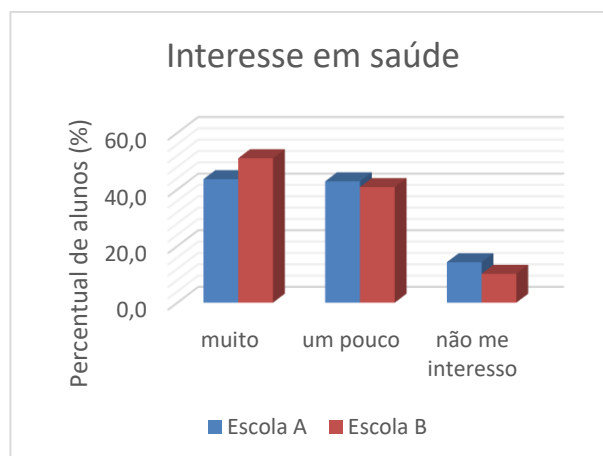


Gráfico 20: Interesse dos alunos em relação a temas sobre saúde.

Em relação aos interesses dos alunos em música. Na escola A, registraram-se 101 alunos com muito interesse (75,9%), 17 (12,8%) com um pouco de interesse e 15 deles (11,3%) que não se interessavam. Na escola B, foram 39 alunos (79,6%) com muito interesse, 10 (20,4%) com um pouco de interesse e 1 deles (2%) que não se interessava em música. Nesse tema, os resultados são concordantes com outros estudos em casos, qualitativos, que evidenciam alto grau de interesse dos jovens pela música, como o de Chaves (2014) e Vieira (2017, versão final ainda não disponível), ambos desenvolvidos no NPPD/UFPR.

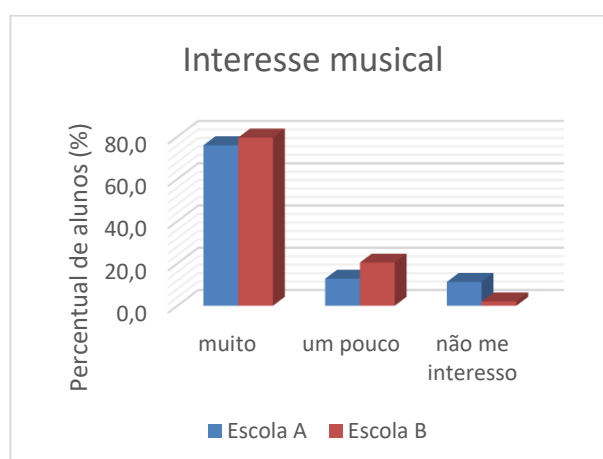


Gráfico 21: Interesse dos alunos em relação à música.

Em relação aos interesses dos alunos em viagens e outros lugares. Na escola A, foram 79 alunos (59,4%) com muito interesse, 42 (31,6%) com um pouco de interesse e 12 deles (9%) que não se interessavam. Na escola B, foram 29 alunos (59,2%) com muito interesse, 17 (34,7%) com um pouco de interesse e 4 deles (8,2%) que não se interessavam por viagens e outros lugares. Esta questão é interessante, pois pode estar relacionada à possibilidade de visitar e visualizar virtualmente outros lugares, visto que as condições de renda familiar possam ser um dos fatores limitantes para a realização de viagens.

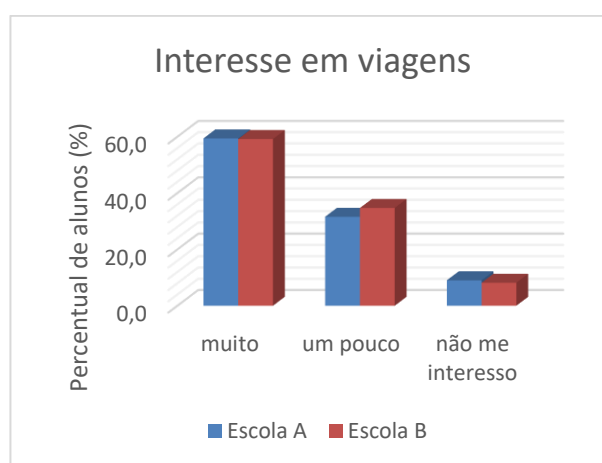


Gráfico 22: Interesse dos alunos em relação a viagens e outros lugares.

A décima quinta questão foi sobre como os alunos se relacionam com a leitura, constatou-se que a grande maioria dos alunos afirma que gosta de ler, porém, lê apenas o que gosta, ou precisa. Na escola A, foram 11 alunos (8,3%) que gostam muito de ler e leem de tudo, 32 (24,1%) que leem pouco e apenas o que gostam, 50 (37,6%) que gostam de ler, mas leem só o que gostam ou precisam, 18 (13,5%) que só leem por obrigação e outros 18 deles (13,5%) que não gostam de ler. Na escola B, foram 12 alunos (24,5%) que gostam muito de ler e leem de tudo, 11 (22,4%) que leem pouco e apenas o que gostam, 19 (38,8%) que gostam de ler, mas leem só o que gostam ou precisam, 4 (8,2%) que só leem por obrigação e outros 4 deles (8,2%) que não gostam de ler.

Proporcionalmente falando, deve-se atentar para o fato de que na escola A, 8% dos alunos indicou gostar muito de ler, contra 24% dos alunos da escola B, na qual os pais têm um grau maior de escolarização em ensino médio completo e nível

superior, permitindo estabelecer relações com a questão do capital cultural disponível aos filhos, na perspectiva apontada por Bourdieu.

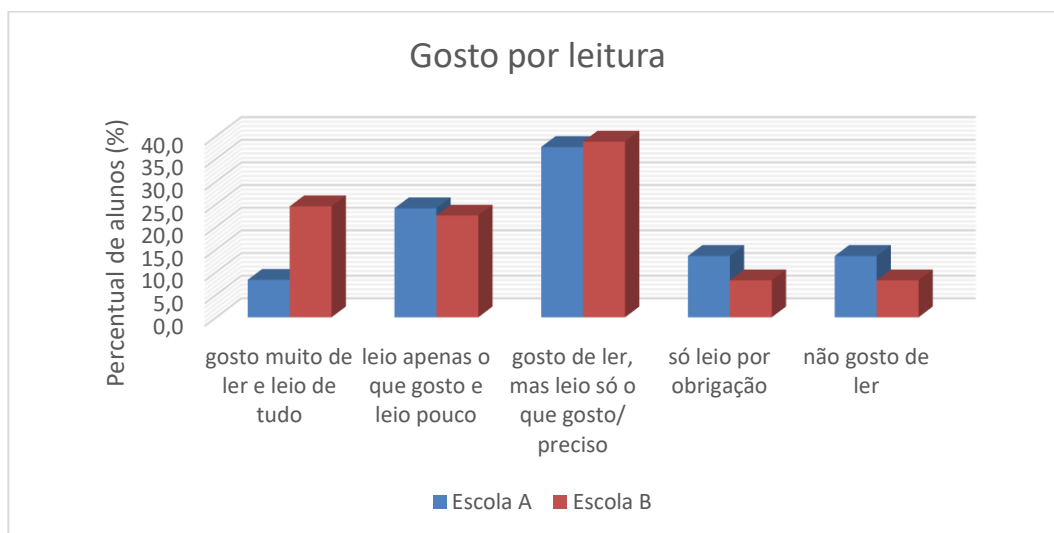


Gráfico 23: Relação de gosto dos alunos pela leitura.

Para buscar esclarecimentos com relação às práticas de leitura, a décima sexta questão foi sobre as atividades de leitura dos alunos, sendo que os alunos deviam marcar as três práticas de leitura mais realizadas por eles. Em ambas escolas, a maioria dos alunos faz a maior parte das leituras em redes sociais, mas os livros de gosto pessoal também receberam uma parte considerável das leituras. Na escola A, foram 21 alunos (15,8%) que leem apenas livros didáticos, 27 (20,3%) que leem coisas práticas do dia a dia, 77 (57,9%) que leem mensagens no *facebook*, 37 (27,8%) que leem livros religiosos, 4 (3%) que leem materiais sobre a vida no campo, 58 (43,6%) que leem livros de gosto pessoal, 35 (26,3%) que leem gibis e quadrinhos, 98 (73,7%) que leem mensagens no *whatsapp*, 24 (18%) que leem propagandas de rua e 16 deles (12%) que leem outros livros escolares.

Na escola B, registrou-se 17 alunos (34,7%) que leem apenas livros didáticos, 9 (18,4%) que leem coisas práticas do dia a dia, 25 (51%) que leem mensagens no *facebook*, 12 (24,5%) que leem livros religiosos, 2 (4,1%) que leem materiais sobre a vida no campo, 32 (65,3%) que leem livros de gosto pessoal, 7 (14,3%) que leem gibis e quadrinhos, 25 (51%) que leem mensagens no *whatsapp*, 8 (16,3%) que leem propagandas de rua e 12 deles (24,5%) que leem outros livros escolares.

Sobre esse tema, é importante destacar o cruzamento entre o uso das tecnologias e redes sociais com a leitura, bem como uma presença de livros escolares e didáticos nas práticas de leitura dos jovens, em ambas as escolas. Os livros religiosos também foram apontados por jovens de ambas as escolas.

As leituras sobre a vida no campo foram pouco referidas, o que confirma o distanciamento dos jovens e suas famílias das atividades agrícolas, uma vez que poucos pais e mães estão ainda relacionados com atividades produtivas no campo.

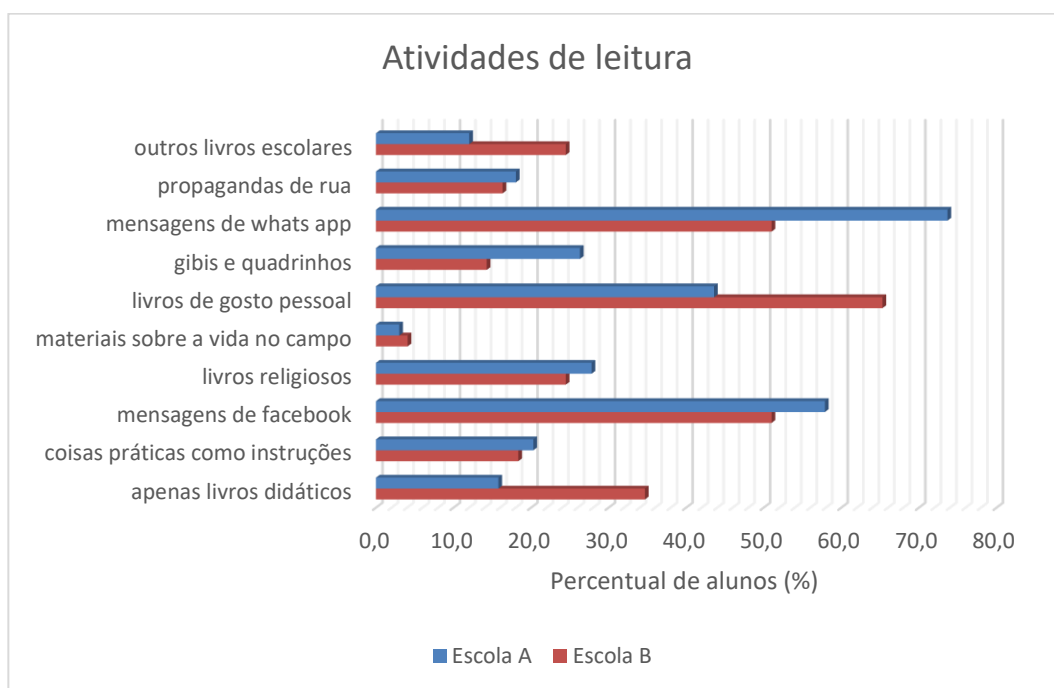


Gráfico 24: Atividades de leitura praticadas pelos alunos.

A décima sétima questão foi sobre as atividades praticadas no dia a dia dos alunos quando não estão no ambiente escolar, sendo que os alunos deviam marcar as três práticas mais realizadas por eles. Na escola A, 37 alunos (27,8%) disseram que jogam no celular, computadores, ou vídeo games; 44 (33,1%) assistem filmes; 49 (36,8%) praticam algum tipo de esporte; 54 (40,6%) trabalham; 11 (8,3%) registraram atividades de desenho; 67 (50,4%) escutam música; 16 (12%) cuidam de animais e plantas; 34 (25,6%) assistem TV; 34 (25,6%) passeiam nos amigos, ou parentes; 40 (30,1%) passam horas nas redes sociais; 25 (18,8%) fazem lições e estudam e 15 deles (11,3%) disseram não fazer nada.

Na escola B, 15 alunos (30,6%) informaram que quando não estão na escola jogam no celular, computadores, ou vídeo games; 24 (49%) assistem filmes; 15 (30,6%) praticam algum tipo de esporte; 17 (34,7%) trabalham; 3 (6,1%) desenham; 18 (36,7%) escutam música; 2 (4,1%) cuidam de animais e plantas; 6 (12,2%) assistem TV; 14 (28,6%) passeiam nos amigos ou parentes; 13 (26,5%) passam horas nas redes sociais; 12 (24,5%) fazem lições estudam e 7 deles (14,3%) disseram não fazer nada.

Observa-se que as atividades relacionadas a jogos, filmes, música e redes sociais concentram maiores preferências dos jovens quando não estão na escola. Mas não se pode deixar de destacar as atividades de trabalho que são rotineiras para grande parte dos alunos em ambas escolas.

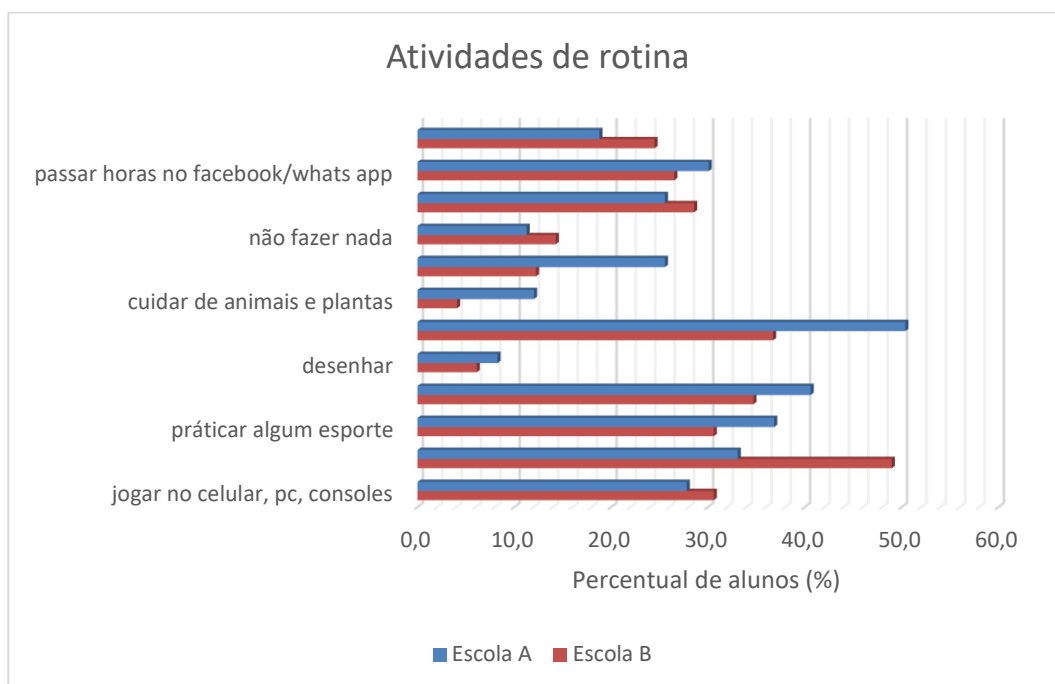


Gráfico 25: Atividades de rotina praticadas pelos alunos.

Portanto, destacam-se alguns elementos da experiência cultural dos jovens colaboradores:

a) houve um número elevado de alunos que têm computadores e celulares, e, praticamente, todos fazem uso dos equipamentos para acessar a internet.

b) metade dos jovens informou que viviam conectados e realizavam leituras nos computadores e celulares, o que poderia ser explorado também nas atividades escolares.

c) destacou-se que a leitura de livros não é uma atividade comum à maioria deles, mas há um número de alunos que informaram ler de tudo ou ler o que gosta, evidenciando possibilidades de trabalho escolar.

d) o interesse em conhecer outros lugares e em viagens foi manifestado por muitos jovens, o que também pode ser um elemento a ser considerado no espaço escolar.

e) o trabalho foi uma das atividades mais frequentes de ambos os grupos quando não estão na escola.

f) algumas relações entre o capital cultural familiar e as escolhas dos alunos puderam ser estabelecidas.

#### 4.4 OS JOVENS, A EXPERIÊNCIA ESCOLAR E SUAS EXPECTATIVAS PARA O ENSINO SUPERIOR.

Algumas das questões propostas no questionário contribuíram para analisar o tema das expectativas de continuidade dos estudos, mas especialmente a questão aberta trouxe alguns elementos que possibilitam responder aos objetivos da pesquisa.

Em relação aos interesses dos alunos em livros e estudos futuros. Na escola A, registrou-se 30 alunos (22,6%) com muito interesse; 62 (46,6%) disseram ter um pouco de interesse e 39 deles (29,3%) que não se interessavam. Na escola B, 26 alunos (53,1%) apontaram ter muito interesse, 21 (42,9%) disseram ter um pouco de interesse e 3 deles (6,1%) não se interessam em livros e estudos futuros. Nesse caso, houve um interesse maior em estudos entre os alunos da escola B, localizada na região central.

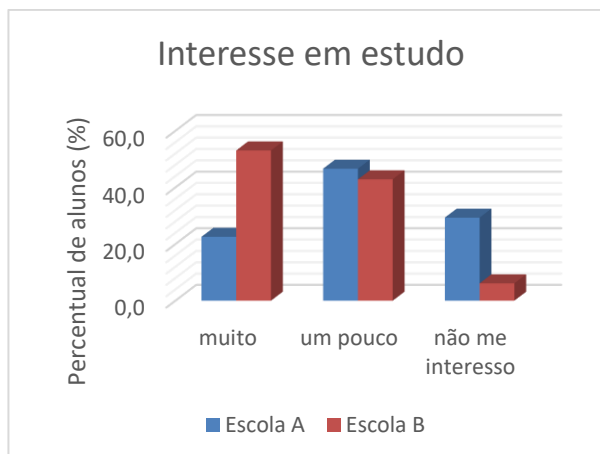


Gráfico 26: Interesse dos alunos em relação a livros e estudos futuros.

Em relação aos interesses dos alunos em invenções e tecnologia. Na escola A, tivemos 58 alunos (43,6%) com muito interesse, 47 (35,3%) com um pouco de interesse e 27 deles (20,3%) que não se interessavam. Na escola B, tivemos 24 alunos (49%) com muito interesse, 17 (34,7%) com um pouco de interesse e 9 (18,4%) alunos que não se interessavam em invenções e tecnologia.

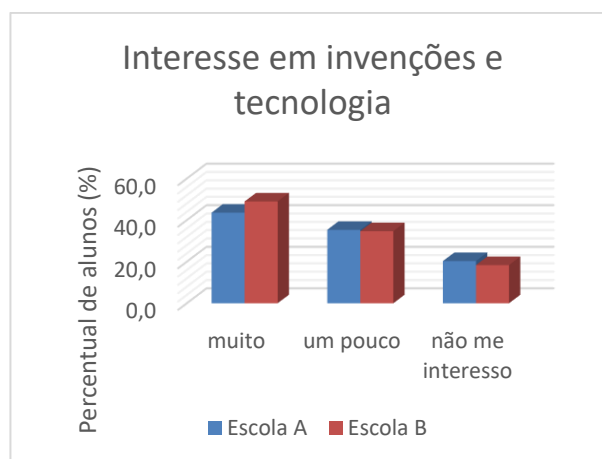


Gráfico 27: Interesse dos alunos em relação a invenções e tecnologias.

Em relação aos interesses dos alunos em trabalho e emprego. Na escola A, 87 alunos (65,4%) declararam-se com muito interesse, 36 (27,1%) com um pouco de interesse e 10 deles (7,5%) que não se interessavam. Na escola B, 32 alunos (65,3%) declararam-se com muito interesse, 18 (36,7%) com um pouco de interesse e nenhum deles (0%) que não se interessava em trabalho e emprego. Em ambas as situações,

os jovens manifestaram interesse em questões relativas ao trabalho, projetando suas expectativas em direção similar ao que se encontrou na revisão bibliográfica e em algumas pesquisas consultadas.

A minoria dos alunos não manifestou interesse em trabalho e emprego, o que coloca as questões profissionais como um possível tema a ser explorado pela escola. Ao mesmo tempo, foi indicativo da importância de oferecer aos alunos oportunidades de conhecerem as possibilidades de estudos em relação às possibilidades de trabalho, uma vez que suas respostas já evidenciaram que cerca de metade deles já estava inserida em atividades produtivas, ou seja, já estavam atuando no mercado de trabalho.

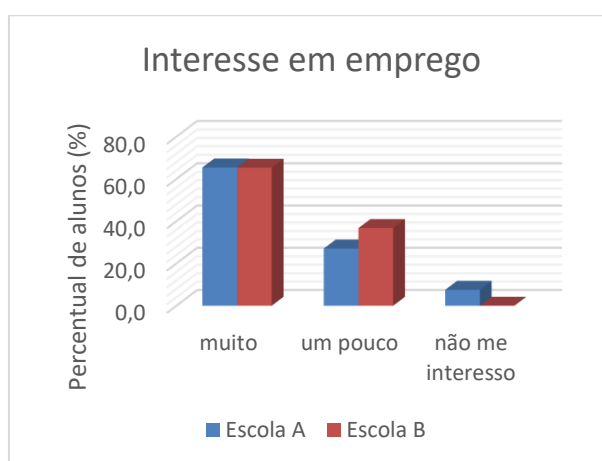


Gráfico 28: Interesse dos alunos em relação a trabalho e emprego.

A décima oitava questão foi formulada para saber se os alunos pretendiam fazer alguma faculdade após o término do Ensino Médio. Em ambas as escolas, a grande maioria dos alunos respondeu que pretendia fazer alguma faculdade. Na escola A, foram 109 alunos (82%) que pretendiam fazer alguma faculdade, 5 (3,8%) que não pretendiam e 15 deles (11,3%) que ainda não pensaram no assunto. Na escola B, foram 44 alunos (89,8%) que pretendiam fazer alguma faculdade, 2 (4,1%) que não pretendiam e outros 2 deles (4,1%) que ainda não pensaram no assunto.

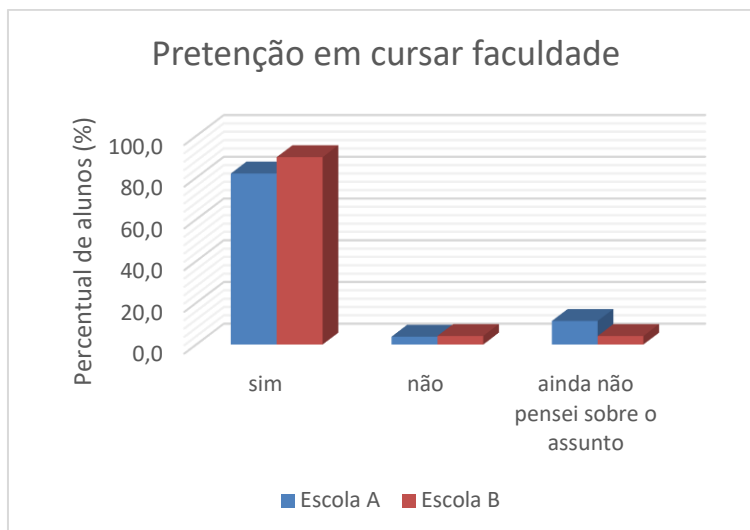


Gráfico 29: Pretensão dos alunos em cursar algum curso na faculdade.

A décima nona questão abordou sobre o grau de certeza de que o aluno iria, de fato, cursar a faculdade. Para essa questão, foi apresentada uma barra desenhada com escala de certeza de 0 a 10, em que 0 correspondia a “nenhuma certeza” e 10 correspondia a “muita certeza”. Na escola A, 4 alunos (2,3%) marcaram o grau zero, nenhum dos alunos marcou os graus um e dois, 4 (2,3%) marcaram o grau três, 7 (5,3%) o grau quatro, 21 (15,8%) o grau cinco, 17 (12,8%) o grau seis, outros 17 (12,8%) o grau sete, 8 (6%) o grau oito, 14 (10,5%) o grau nove e 37 deles (27,8%) marcaram o grau dez.

Na escola B, 1 aluno (2%) marcou o grau zero, nenhum dos alunos marcou os graus um, dois e quatro, 1 (2%) marcou o grau três, 5 (10,2%) marcaram o grau cinco, 2 (4,1%) marcaram o grau seis, 5 (10,2%) marcaram o grau sete, 5 (10,2%) marcaram o grau oito, 5 (10,2%) marcaram o grau nove e 25 deles (51%) marcaram o grau dez. Destaca-se que, na escola B, mais de 50% dos alunos possuíam muita certeza de que iriam cursar a faculdade, enquanto, na escola A, apenas 27,8% marcaram esse grau de certeza, ou seja, a proporção foi menor.

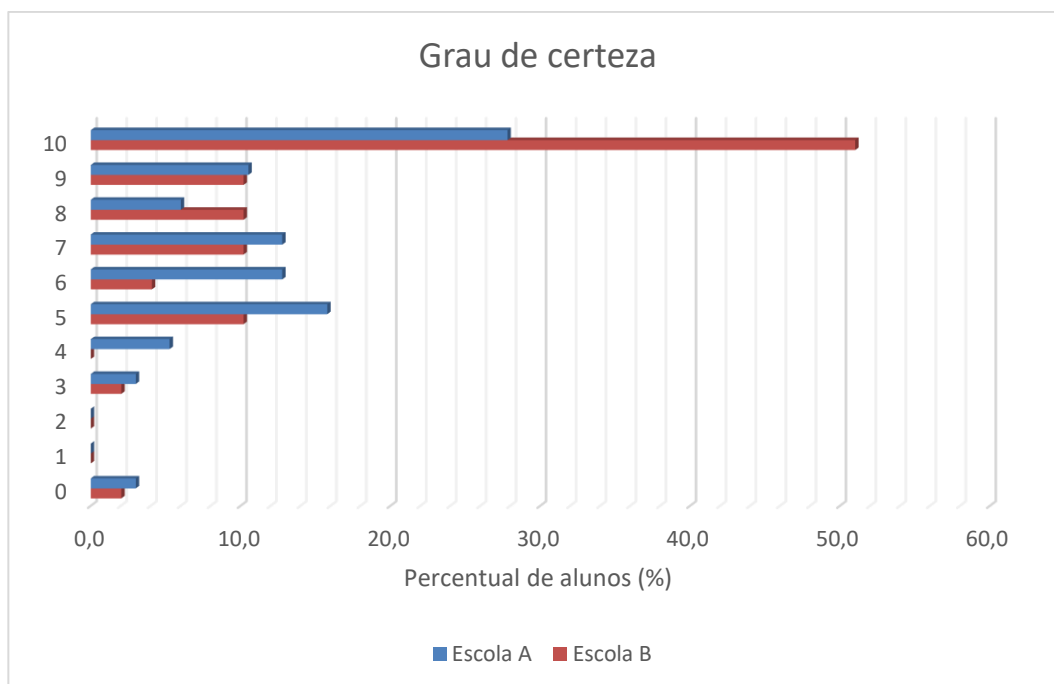


Gráfico 30: Grau de certeza dos alunos em cursar alguma faculdade.

A vigésima questão questionou se havia algum curso na faculdade o qual os alunos tivessem interesse em fazer. A maioria respondeu que sim, e os cursos foram variados, além de que quase todas as áreas foram contempladas pelos interesses dos alunos: gastronomia, engenharias, licenciaturas, arquitetura, medicina, música, ciência.

Quanto ao campo específico da Física, alguns trabalhos investigaram os motivos pelos quais os alunos procuram o Curso de Graduação em Física (Coutinho, 2010; Coelho, 2016). Em especial, registrou-se que entre os principais motivos que levaram os alunos a escolherem o curso de Física estão: gostar de ensinar, ou aprender, gostar de Ciências e a existência/possibilidade de bolsas de estudo.

Na escola A, 108 alunos (82%) responderam que sim, 6 (3,8%) responderam que não, e 15 deles (11,3%) não tinham pensado sobre o assunto. Na escola B, 44 alunos (89,8%) responderam que sim, 2 (4,1%) responderam que não, e 3 deles (6,1%) não tinham pensado sobre o assunto.

Observa-se uma diferença significativa entre o grau de certeza de que irá cursar a universidade e o interesse em cursar o ensino superior, esse bem maior que aquele.

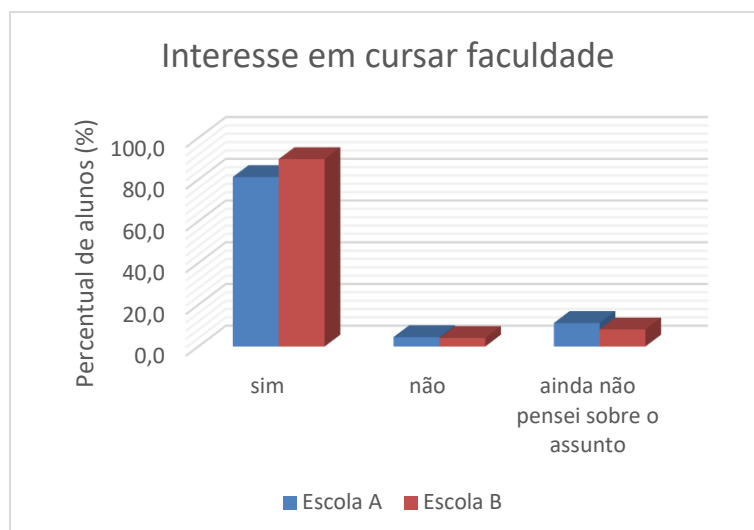


Gráfico 31: Interesse dos alunos em cursar alguma faculdade.

A vigésima primeira questão abordou se o aluno achava que algo poderia impedi-lo de cursar a faculdade. Na escola A, foram 74 alunos (55,6%) que responderam sim e 54 deles (40,6%) que responderam não. Na escola B, foram 30 alunos (61,2%) que responderam sim e 19 deles (38,8%) que responderam não. Os motivos apontados por aqueles que responderam sim são variados, mas se destacam: falta de tempo, falta de dinheiro, falta de estudos, além da preguiça.

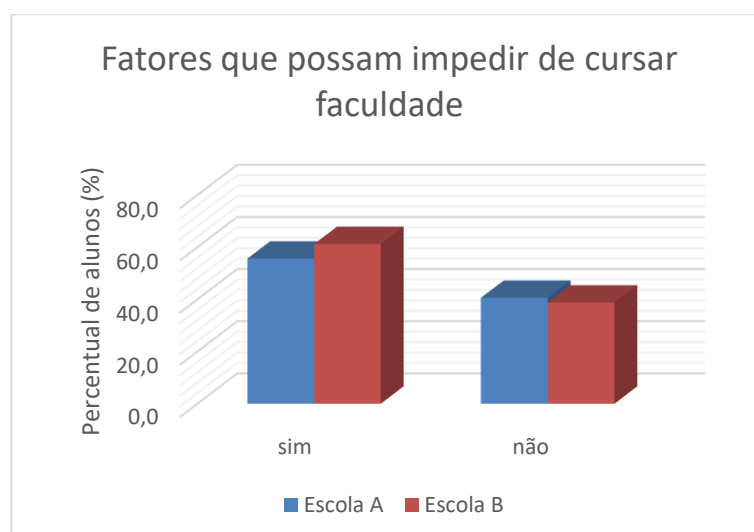


Gráfico 32: Existência de fatores que possam impedir os alunos de cursar faculdade.

A vigésima segunda questão foi sobre o grau de vontade dos alunos em cursar a faculdade. A elaboração da questão foi na forma de escala, entre 0 e 10. A maioria disse ter um grau alto de vontade, que corresponde também ao interesse e manifestado pela maior parte dos alunos.

Na escola A, 3 alunos (2,3%) marcaram o grau zero, 1 (0,8%) o grau um, nenhum aluno marcou o grau dois, 3 (2,3%) o grau três, 4 (3%) o grau quatro, 7 (5,3%) o grau cinco, 9 (6,8%) o grau seis, 11 (8,3%) o grau sete, 14 (10,5%) o grau oito, 17 (12,8%) o grau nove e 60 deles (45,1%) o grau dez. Na escola B, 1 aluno (2%) marcou o grau zero, 1 (2%) o grau um, 1 (2%) o grau dois, nenhum aluno marcou o grau três e quatro, 1 (2%) o grau cinco, 3 (6,1%) o grau seis, 4 (8,2%) o grau sete, 3 (6,1%) o grau oito, 2 (4,1%) o grau nove e 33 deles (67,3%) marcaram o grau dez.

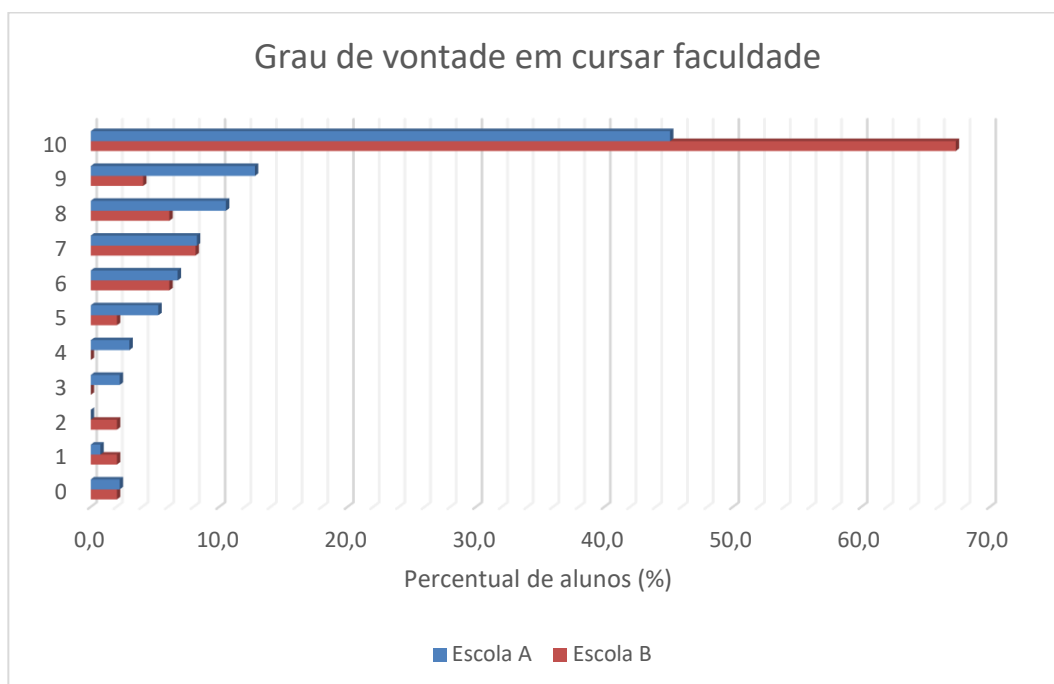


Gráfico 33: Grau de vontade dos alunos em cursar algum curso na faculdade.

A vigésima terceira questão foi uma questão discursiva, aberta para que o aluno apresentasse as ideias dele. Foi pedido que informasse se ele estava ciente sobre como proceder para conseguir uma vaga na faculdade; se a família teria condições de pagar a faculdade; e se ele conhecia alguma possibilidade de fazer faculdade sem pagamento de mensalidades. A intenção foi verificar se as informações sobre universidades públicas e gratuitas são consideradas pelos alunos como uma

via de acesso ao ensino superior, considerando a concentração dos alunos em famílias com renda abaixo de 5 salários mínimos.

Na leitura das respostas, pode-se separar os alunos em quatro classificações que mostraram seu conhecimento sobre essas questões relativas as possibilidades de acesso ao ensino superior, principalmente no ensino público. A primeira classificação foi sobre os alunos que citaram explicitamente universidades públicas e corresponderam a “sabe sobre universidade pública”; a segunda classificação foi sobre os alunos que não citaram universidades públicas, ou bolsas de estudo, ou que afirmaram não saber sobre o assunto e corresponderam a “não sabe sobre universidade pública”; a terceira classificação foi sobre os alunos que não citaram as universidades públicas, mas citaram a possibilidade de conquistar bolsas de estudos e corresponderam a “sabem sobre bolsas de estudo”; a quarta, e última, classificação foi “não responderam” à questão.

Nesse sentido, registra-se as respostas de alguns exemplos de participantes classificados como sabe sobre universidade pública: “Sim, estudando para obter boas notas nos vestibulares e no Enem, ou pagando por uma faculdade particular. De maneira confortável, poderíamos pagar uma mensalidade de até R\$ 1500,00, acima disso ficaria mais difícil, porém não impossível. Sim, com uma boa nota no Enem (acima de 840) por exemplo, atingindo o primeiro lugar nas faculdades particulares, ou cursando em uma universidade Federal, ou Estadual”. Outro exemplo: “Para conseguir minha vaga na faculdade, preciso prestar a prova da determinada, ou disponibilizar do Enem. Talvez, só condição de até 500 reais. Não conheço nenhuma forma que não pague, a não ser que preste federal”. Além desses exemplos, mais um: “Dificuldade seria a mais óbvia, estabilidade. Pois, quem se próprio sustenta com o salário que recebemos, pagar uma faculdade seria impossível. Com o tipo de Educação dada em colégios públicos e ainda não tendo tempo para estudar e conseguir uma vaga em uma faculdade pública, com as verbas cada vez mais diminuindo programas de bolsas de estudo. Sem um incentivo para uma pessoa com uma renda de 1200,00 reais pagar aluguel, se manter com o necessário para uma sobrevivência, sem ajuda da família, será impossível”.

Ainda alguns exemplos de participantes classificados como sabem sobre bolsas de estudo: “Não sei como conseguir uma vaga. Sim, conseguiríamos pagar até R\$ 1200,00. Sim, tirar notas boas em concurso público”. Outro exemplo: “Sim, eu sei como fazer para conseguir uma vaga na faculdade, que é me esforçando para

conseguir uma bolsa, ou fazer faculdade particular e pagar. Até 500 reais. Conheço, pelo Enem, com esforço para tirar uma nota excelente e ganhar bolsa 100%”. Além desses exemplos, mais um: “Você estuda, passa em um vestibular (1ª ou 2ª fases), garante uma vaga dentro da quantidade oferecida pela faculdade. Minha família pode pagar até 1500,00 reais, apesar de que a faculdade, que eu quero, custa o dobro. Conheço somente Sisu (Enem) que é bolsa, ou Fies financiamento, mas nenhum que não pague mensalidade”.

Na escola A, 29 jovens (21,8%) sabiam sobre as universidades públicas, 32 (24,1%) não sabiam sobre universidades públicas, ou sobre o procedimento para conseguir uma vaga, 34 (25,6%) citaram as bolsas de estudo, Enem e programas do governo como formas de fazer curso superior e 38 deles (28,6%) não responderam.

Na escola B, 29 jovens (59,2%) sabiam sobre as universidades públicas, 4 (8,2%) não sabiam sobre universidades públicas, ou sobre o procedimento para conseguir uma vaga, 14 (28,6%) citaram as bolsas de estudo, Enem e programas do governo e 2 deles (4,1%) não responderam.

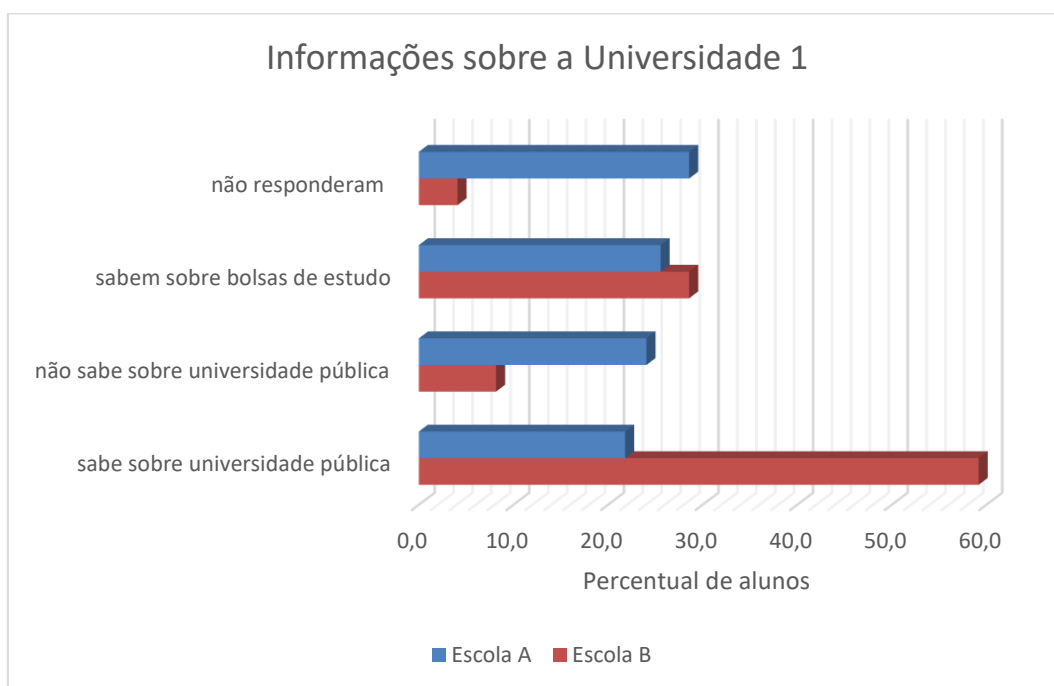


Gráfico 34: Informações dos alunos em relação à Universidade e formas de acesso.

Nessa questão, destacou-se que menos de um quarto dos alunos (21,8%) sabiam explicitamente sobre as universidades públicas na escola A, além de que

pouco mais da metade dos jovens (59,2%) sabiam na escola B. Isso totalizou cerca de 58 alunos (31,7%), dentre os 183 participantes, que realmente sabiam sobre as universidades públicas. Portanto, se classificássemos apenas “sabe sobre universidade pública”, ou “não sabe”, os outros 125 jovens (68,3%) não saberiam. O que, sem dúvidas, não é uma proporção desprezível, mesmo considerando as quatro classificações citadas.

A vigésima quarta questão foi direta, a fim de complementar a questão 23 do questionário, e perguntava se o aluno conhecia alguma universidade gratuita na região de Curitiba e quais. Essa questão esteve presente apenas na escola A, e foi incluída após a aplicação do questionário na escola B, especialmente por que a escola estava localizada fisicamente distante de algum dos campi das instituições públicas mais conhecidas na cidade, enquanto a escola B tinha proximidade com alguns dos campi. Nessa questão, na escola A, 64 alunos (48,1%) responderam que sim, 48 (36,1%) responderam que não e outros 20 deles (15,8%) não responderam.

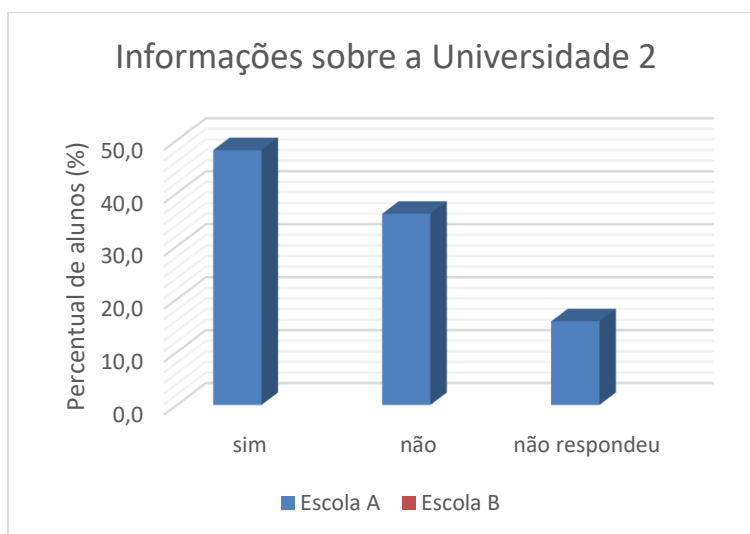


Gráfico 35: Informações dos alunos em relação as universidades públicas em Curitiba.

Em síntese, nesta última sessão, as respostas dos alunos permitiram compreender alguns elementos que compõem as expectativas desses jovens alunos em relação à continuidade dos estudos em nível superior, especialmente a partir de que:

a) a maioria dos alunos mostrou algum grau de interesse sobre estudos, sobre fazer as lições e sobre dar continuidade aos estudos no ensino superior. Mesmo na

escola A, localizada na região periférica da cidade, na qual, em geral, os pais têm menor grau de escolarização superior, os alunos mostraram-se interessados na continuidade dos estudos após o Ensino Médio.

b) a maioria deles tem grau alto (de oito a dez) e médio (de cinco a oito) de certeza de que irá cursar o ensino superior, respectivamente 94 (51,3%) e 67 (36,6%) deles somando ambas as escolas.

c) apesar de que tinham interesse e vontade, os jovens têm a compreensão de que há fatores que poderiam dificultar ou impedir esse projeto, entre os quais destacaram a necessidade de trabalhar, as dificuldades financeiras e, para alguns, a preguiça.

d) as informações que os jovens têm sobre a universidade pública e gratuita são restritas a uma parte deles, que não sabem sobre a ausência de mensalidade nessas instituições e nem sobre a existência delas. Por outro lado, conhecem alguns programas do governo federal cujo objetivo é ampliar as possibilidades de acesso, como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um primeiro ponto a se destacar é que a forma utilizada no questionário auxiliou o pesquisador coletar e estudar os dados, além de ter sido o elemento mais importante em relação ao objetivo geral da pesquisa: estudar as possíveis relações entre as expectativas dos jovens e suas experiências sociais, para apontar elementos que possam contribuir para repensar o ensino de Física e ressignificá-la como disciplinar escolar.

De forma geral, sintetiza-se os resultados indicando que, houve um equilíbrio entre a quantidade de alunas e alunos; um número maior de estudantes se auto identificaram como brancos, registrando-se também um número considerável número de alunos pardos e negros; além disso, observou-se que uma grande quantidade de alunos trabalhava e a maioria deles tinha estabilidade de moradia, além de morar com os pais.

Em relação à escolaridade dos pais, houve destaque para um grande número de pais que não completaram o Ensino Fundamental e que completaram o Ensino Médio na escola A; e um grande número de pais que concluíram o Ensino Médio e possuem Nível Superior na escola B; houve um grande número de mães com o Ensino Fundamental, ou Médio, incompleto, e com o Ensino Médio completo na escola A; e um grande número de mães com o Ensino Médio completo e Nível Superior na escola B. No que se refere ao ensino superior, ficou claro que os pais dos alunos da escola da região central, escola B, foram mais privilegiados do que os da escola periférica, escola A. Além disso, a maioria dos pais trabalhavam como autônomos, ou assalariados em empresas e o mesmo acontece para as mães, porém, com um número considerável de domésticas não remuneradas. Mais de metade das famílias dos alunos possui renda total de até três salários mínimos; mas possuem objetos como TV, aparelho de som, geladeira, forno de micro-ondas e computadores, ou celulares, com acesso à internet diariamente.

Pode-se perceber que a maioria dos alunos, de modo geral, possuía muito interesse em temas como esportes, saúde, emprego, tecnologia, música e viagens. Mas apresentaram interesse mediano em temas como política, meio ambiente, estudos, cinema e teatro, saúde e tecnologia. Entre os temas pelos quais parte deles não se interessava incluem-se política, meio ambiente e estudos. Acrescenta-se que,

em relação ao gosto e à ação de leitura, a maioria gostava de ler, porém lê apenas o que gosta ou precisa, geralmente leem mensagens nas redes sociais, livros de gosto pessoal e livros religiosos. Sobre as atividades diárias, vale também ressaltar que, quando estão fora da escola, costumavam escutar música, trabalhar, praticar algum esporte, ver filmes, ou jogar em consoles, celulares e pc's.

O elemento central que orientou a pesquisa foi a expectativa dos jovens em dar continuidade ao ensino superior. A maioria dos alunos afirma pretender fazer alguma faculdade, marcando um grau médio, ou alto, para a certeza de que irão cursar a universidade. Além de que a maioria também afirmou ter um grau alto de vontade/desejo de cursar a faculdade. Uma parte dos alunos afirmou que nada os impediria de cursar a faculdade, porém, a maioria afirmou que questões como a preguiça (em menor número), a falta de conhecimentos, a falta de dinheiro, a falta de tempo e a falta de motivação, estariam entre os fatores que podem impedi-los de cursar a faculdade que deseja. Além disso, os alunos se interessam por temas de todas as áreas de conhecimentos, alguns dos interesses são: engenharias, licenciaturas, arquitetura, gastronomia, música, filosofia, *design*, farmácia, medicina, enfermagem, odontologia, direito, economia, etc.

É necessário chamar a atenção para o fato de que as questões de tempo e dinheiro estão relacionadas a duas características desses jovens identificadas na pesquisa. A primeira refere-se ao dado que mostra que mais da metade dos alunos, nas duas escolas, já exerciam atividades de trabalho remunerado de alguma forma. No entanto, de acordo com o referencial bibliográfico utilizado, este é um dos elementos que contribui para a interrupção dos estudos básicos no Ensino Fundamental e Médio. Na visão de alguns alunos, manter-se, ou seja, garantir o consumo de alguns bens é uma necessidade priorizada em relação aos estudos, por esse motivo, alguns jovens acabam por escolher manter o trabalho e deixar a escola. Como visto anteriormente, a força das estruturas sociais tem papel relevante nesse ponto, podendo ser relacionada a ideia do poder simbólico na forma que explica Bourdieu.

A segunda refere-se ao fator tempo está diretamente relacionado à primeira questão do trabalho. Não há tempo, porque há trabalho, principalmente no caso dessa parcela de jovens que estudam e trabalham, muitos deles cursando o Ensino Médio noturno. Também aqui entende-se que o fator social afeta a decisão dos jovens, apesar da vontade de continuar estudando como eles indicaram na pesquisa.

Nesse sentido, talvez com o olhar enviesado pelo fato de ser licenciando em Física, acredito que esses jovens poderiam ocupar esse tempo e a mente com estudos em várias áreas acadêmicas, ou não, ou seja, estudando e se conhecendo melhor. Essa seria uma forma de otimizar os fatores sociais e ter a chance de poder melhorar o próprio futuro; visto que estudar não é apenas ir passivamente para a escola, para além disso, estudar e se conhecer faz parte da moratória social, período que a pessoa tem para poder descobrir e tirar o melhor proveito de suas habilidades e gostos.

Por outro lado, os jovens referiram-se também à falta de conhecimentos como um dos motivos que dificultaria a entrada na faculdade. Este é um elemento que, em grande parte, está relacionado ao papel da escola – ensinar e preparar para que possam ir adiante nos estudos. Essa questão está relacionada, de alguma forma, a uma compreensão dos limites que marcam sua escolarização. De uma parte, eles mesmos reconhecem que leem pouco, que alguns temas não os interessam e mesmo que sentem preguiça, e parecem saber que isso limita suas possibilidades. Também é preciso estabelecer relações com a pouca escolarização de uma parte dos pais desses alunos, indicativo de uma cultura familiar em que a cultura da escola, acadêmica, não tem grande influência.

Ao analisar a questão discursiva sobre as formas de acesso à universidade, percebeu-se que a maioria dos alunos citou as bolsas e programas do governo, ou não responderam à questão. Na escola A, um número considerável de alunos também afirmou explicitamente não saber como ingressar em algum curso de nível superior. Na escola B, a maioria dos alunos citou as universidades públicas e as bolsas, porém houve um número expressivo de alunos que não sabiam explicitamente como ingressar na faculdade, ou não responderam à questão. Nesse sentido, especificamente na escola A foi incluída uma questão no instrumento de pesquisa perguntando explicitamente se os alunos conheciam formas gratuitas de cursar o Ensino Superior, na região de Curitiba. Os resultados mostraram que a maioria afirmou que, de fato, não sabe, e um número significativo de alunos não respondeu. Dessa forma, pode-se dizer que mais da metade dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio, dessas escolas, não conhecem alguma universidade gratuita de Curitiba (UFPR, UTFPR).

Como já referido, cerca de metade dos alunos afirmou que trabalha nos horários em que não estão na escola, e que isso afeta as suas possibilidades de escolhas. Notou-se que os alunos que trabalham priorizam praticar atividades de lazer

no tempo livre, deixando as atividades acadêmicas, leituras e estudos de lado, ou apenas para momentos de obrigatoriedade, isso independente de gênero, etnia ou renda familiar.

Além de outras questões citadas anteriormente, é provável que a realização de trabalhos remunerados também esteja relacionada com as expectativas de cursar uma faculdade, já que a grande maioria afirmou ter vontade e pretender cursar o Ensino Superior. Nesse sentido, essas expectativas podem ser frustradas no futuro, já que o trabalho exige tempo e energia dos alunos, diminuindo o tempo e energia disponíveis para aproveitarem sua moratória social, ou seja, estudarem e se conhecerem melhor e mais profundamente, o que é justamente o que os auxiliará a garantir uma vaga em algum curso desejado na universidade.

Outro resultado a se destacar é o de que mais da metade dos alunos não sabem como conseguir uma vaga na faculdade. Esse resultado pode ser o indicativo de que a escola realmente não tem preparado seus alunos para os possíveis estudos futuros e continuidade da vida acadêmica após o Ensino Médio. Ou que não tem dado importância ao tema, informando, discutindo e apontando caminhos possíveis para esses jovens da escola pública continuarem seus estudos em nível superior. É relevante lembrar que isso está proposto no PPP de uma das escolas. Assim, também não se atende ao que determina a Lei nº 12527, de novembro de 2011, que afirma que o acesso à informação pública é um direito de todos os cidadãos (Brasil, 2011).

Esse resultado em especial provoca mais uma vez a reflexão sobre a utilidade dos estudos para esses jovens da escola pública, visto que não há uma explicitação/apresentação sobre as possibilidades que se abrem pela aquisição desses conhecimentos, seja quanto a aplicação dos conhecimentos adquiridos na vida cotidiana, seja nos possíveis cursos escolhidos por eles, além de outras decisões que possam tomar.

Notou-se que todos os alunos afirmaram ter acesso diário à internet, porém, cerca da metade deles não conseguiu evidenciar que acessou as informações sobre a Universidade e as formas de acesso de maneira autônoma, o que mostra que esse tipo de assunto não é corriqueiro no cotidiano familiar, nem no escolar. Muitos deles não acessam esses conhecimentos naturalmente, e, comparando as escolas, uma das explicações pode estar relacionada à baixa escolarização em nível superior dos próprios pais.

Por outro lado, a escola seria um espaço importante para agir em outra direção, estimulando e informando os jovens, visto que a própria lei citada (Lei nº 12527) afirma que o acesso às informações constitui um dos fundamentos da democracia, e além disso ajuda a fortalecer a capacidade dos indivíduos, nesse caso os alunos, de participar de modo efetivo da tomada de decisões em situações que os afetam.

Considerando essa situação de alunos do último ano do Ensino Médio, caberia a escola partilhar informações sobre a universidade e as formas de acesso, desde o Ensino Fundamental, que é o que ocorre em muitas escolas privadas. Os relatos de alunos da rede privada, que tive contato durante atividades de extensão como o projeto Física Brincando e Aprendendo (FiBrA) da UFPR, mostraram que, desde o começo do Ensino Médio, um dos assuntos que mais são discutidos, nessas escolas, é o vestibular e as formas de acesso.

Acredito que essa não seja uma tarefa inapropriada ou difícil, para a escola, dada a situação caótica da educação no país, como visto anteriormente, e a relevância dessas informações na vida dos alunos, como previsto em lei, nos dias atuais. Nesse sentido, ter acesso a essas informações, formas de acesso às universidades públicas, poderia ser um fator a favorecer uma mudança no destino e nas escolhas de muitos alunos das redes públicas, isso é totalmente pertinente aos objetivos da pesquisa.

Após estas considerações, posso encaminhar para as análises finais que estabelecem relação com a Física, enquanto uma disciplina específica do Ensino Médio. Inicialmente, destaco que, nas minhas experiências com os alunos, percebi que trabalhar com eles como se fossem passivos, o que ocorre em muitos casos, pode prejudicar a interação para a transmissão de informações e dos conteúdos. Os jovens se mostram capazes de estudar, entender, ler, discutir, opinar, sentir e fazer, com qualidade, tudo o que um adulto faz. Dessa forma, levar em conta a opinião e necessidades deles pode ser uma maneira adequada para a construção de novas possibilidades de relação com o conhecimento e com a vida social, possibilitando a ressignificação da Escola na vida desses alunos.

Nesse sentido, percebi que uma possível forma de o professor de Física contribuir para a solução do problema da falta de informações seria aliar o conteúdo do Ensino de Física com o contexto social contemporâneo e mostrar as possíveis relações da Física com as outras disciplinas. O que poderia despertar curiosidade nos alunos e abrir espaço para o interesse nas áreas acadêmicas do Ensino Superior,

nesse caso, além de formar um novo significado da Física como disciplina escolar para os jovens.

Os professores de Física, apoiados pelas coordenações das escolas, poderiam articular um trabalho com outros professores para criar um contexto de ensino que fosse interessante para os alunos e que os ajudasse a compreender a realidade como um todo de disciplinas relacionadas entre si e não separadamente, como é o que acontece na grande maioria das escolas atuais. Nesta perspectiva, os PCN apontam nessa direção, mesmo que isso ainda não esteja consolidado totalmente, muitos professores de Física já abrem espaço para a História e Filosofia da Ciência e também para a Física do cotidiano em suas aulas, o que influencia na relação dos alunos com os conhecimentos em Física.

Além disso, essas novas formas de aprender os conteúdos de Física têm sido cada vez mais cobradas em provas como o Enem, que valoriza, da parte dos alunos, o entendimento de situações problema relacionadas ao cotidiano, sendo essas, muitas vezes, relacionadas à mais de uma área de conhecimento. Ao passo que são formas que atraem mais a atenção dos alunos, visto que provocam questionamentos e estimulam a curiosidade em conhecer e estudar a natureza.

Para exemplificar, o professor de Física poderia relacionar os conteúdos trabalhados em História e Geografia, como a atual Quarta Revolução Industrial com o contexto da Física, discutindo que a geopolítica atual e os interesses econômicos dos países de primeiro mundo e emergentes estão centrados em tecnopolos como o Vale do Silício nos Estados Unidos da América (EUA); Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) no Brasil; Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no Brasil; Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no Brasil; etc.

Não só isso, mas também o professor poderia problematizar sobre o desenvolvimento econômico mundial. Visto que, atualmente, o desenvolvimento está sendo baseado cada vez mais em áreas acadêmicas e que as empresas tecnológicas estão buscando trabalhadores com qualificação, para tipos de trabalho que exigem maiores níveis de conhecimento. Também poderia, o educador, abrir espaço para mostrar e discutir as políticas governamentais do Brasil em relação à Ciência, Educação e Tecnologia, e a nova política de desenvolvimento mundial, principalmente para países emergentes como os BRICS, que visa e se baseia justamente no progresso tecnológico (que está intimamente ligado à educação), avaliando as

medidas tomadas pelo Estado brasileiro nessas áreas e a forma com que essas medidas afetam os interesses da nação.

Dessa forma, sem abrir mão de conteúdos que são específicos da Física, as aulas poderiam ser mais articuladas às outras disciplinas, já que o interesse econômico mundial está estreitamente ligado com a Educação e pesquisas nas áreas de Ciência, incluindo a Física. Por outro lado, mesmo os conteúdos clássicos da própria disciplina poderiam ter maior significado para os alunos a partir de sua inserção na vida cotidiana dos alunos.

Nesse sentido, as tecnologias oferecem muitas possibilidades de trabalho nas aulas, por meio de textos, de exemplos, de experimentações e outras formas didáticas que já são conhecidas como adequadas a uma aprendizagem mais significativa. Ainda é possível fazer os alunos entrarem em contato com conhecimentos da Física que permitam a eles desenvolver interesses em campos específicos para seus estudos futuros, estimulando-os a continuar estudando, apesar das dificuldades que são decorrentes das estruturas sociais em que estão inseridos.

Devido à situação educacional recorrente nos últimos anos, a escola vem perdendo espaço e valor perante as tecnologias e mídias sociais, como também diante das atividades de trabalho, dada a importância e o tempo que os alunos investem nessas outras atividades e interesses. Portanto, as características observadas a partir da pesquisa realizada evidenciam a necessidade de novas propostas de ensino, que estejam mais próximas dos alunos e da realidade contemporânea, incluindo políticas de acesso à informação, para que os alunos possam aproveitar mais e melhor o tempo de moratória social a fim de poderem fazer escolhas mais conscientes para seus futuros.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. Organizadores: NOGUEIRA, M. A., GOUVEIA, A. J. **Escritos de Educação. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. Pierre Bourdieu.** Petrópolis, Brasil: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Lei nº 12527, de 18 de novembro de 2011. **Acesso à Informação Pública: Uma introdução.** Brasília, DF, nov 2011.
- BUENO, J. G. S. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico.** Educar, Curitiba, n. 17, p. 101-110. 2001. Editora UFPR.
- CASTRO, M. G., ABRAMOVAY, M. Jovens em Situação de Pobreza, Vulnerabilidades Sociais e Violências. **Cad. Pesquisa**, n. 116, p. 143-176, julho, 2002.
- COELHO, M. M. **Expectativas, satisfação profissional e permanência de alunos em um curso de Licenciatura em Física.** Monografia (Licenciatura em Física). UFPR, Paraná 2016.
- COUTINHO, M. B., FILHO, J. B. R., RAGIUK, D. As origens da opção pela licenciatura em Física. In: **XI Salão de Iniciação Científica PUCRS**, 2010.
- DAYRELL, J. A Escola “faz” as Juventudes? Reflexões em Torno da Socialização Juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p.1105-1128, out. 2007.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.** 2003, n. 24, p. 40-52.
- DOMINIQUE, J. A cultura como objeto histórico. 2001. **Revista Brasileira de História da Educação**, 1, p. 9-44.
- GARCIA, R. M. S. **Afinal, para que serve a escola? Representação feita por adultos alfabetizados e analfabetos.** Paidéia, FFCLRP – USP, Rib. Preto, 4, 1993.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios.** Síntese de Indicadores. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2016.
- IBGE. **População Jovem no Brasil.** Departamento de População e Indicadores Sociais. Estudos e Pesquisas, Informação Demográfica e Socioeconômica. Rio de Janeiro, 1999.
- INEP. **Censo Escolar da Educação Básica 2016.** Notas estatísticas. Brasília – DF. 2017
- PEREGRINO, M. **Trajetórias desiguais: um estudo sobre os processos de escolarização pública de jovens pobres.** Rio de Janeiro, Brasil: Garamond, 2010.
- PEREIRA, A. B. Juventude, Juventudes. **Teoria e Debate.** 2012 Disponível em: <http://www.teoriaedebate.org.br/materias/sociedade/juventude-juventudes?page=full>. Acesso em: 28 fev. 2018.

SILVA, E. R. A. S.; BOTELHO, R. U. (org). **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas**. Brasília: Ipea, 2016.

SOARES, T. M.; BONAMINO, A.; CORREA, E.V. Evidências do Efeito da Repetência nos Primeiros Anos Escolares. **Est. Aval. Educ**, São Paulo, v. 25. N. 59. P. 242-269. 2014.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. **Ensino Médio: O que querem os jovens?** 2017. Disponível em: <http://www.todospelaeducacao.org.br/reportagens-tpe/41997/ensino-medio-o-que-querem-os-jovens/>. Acesso em: 14 mar. 2018.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO**



Prezada (o) aluna (o)

Sou aluno da Universidade Federal do Paraná e faço parte de um grupo de pesquisa que está interessado em conhecer a opinião dos alunos sobre a escola, orientado pela professora Dra. Tânia M. F. B. Garcia. Peço sua colaboração no estudo que estou fazendo sobre o tema:

### A ESCOLA, OS JOVENS E SEUS PROJETOS

Esse tema nos interessa porque pouco sabemos sobre a opinião que os alunos têm sobre os estudos que fazem na escola, e sobre o que pretendem para o futuro. Isso acontece no Brasil e em outros países também.

Por isso, organizamos essa pesquisa, e pedimos sua colaboração. Queremos saber qual é sua opinião sobre o estudo em sua vida.

Faremos a seguir algumas questões e perguntas. A sua participação e sua sinceridade nas repostas é muito importante ! Elas foram feitas com base na opinião de outros jovens que já colaboraram com outras pesquisas.

- Se nenhuma das alternativas apresentadas for satisfatória para você, pode usar as linhas disponíveis no final de cada questão para explicar sua opinião.
- Se desejar, pode marcar mais de uma alternativa por questão. O importante é não deixar em branco!
- E não se preocupe: você não precisa se identificar pelo nome! Pode criar um pseudônimo ( nome fictício)

As suas respostas e as de seus colegas, reunidas, irão contribuir para entender o que vocês pensam sobre a escola, os estudos e sobre como isso é considerado pelos jovens para sua vida presente e no futuro. Também poderão contribuir para aperfeiçoar o Ensino Médio nas escolas.

Eu e minha orientadora agradecemos pela sua colaboração.

Adriano Rodrigues Luz (Licenciando na Universidade Federal do Paraná/NPPD)

Email: [adriano25100@hotmail.com](mailto:adriano25100@hotmail.com)

## I - DADOS GERAIS

Escolha um pseudônimo:

\_\_\_\_\_

Turma /Série : \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

1. Sexo: ( ) masculino ( ) feminino ( ) não quero me identificar

2. Como você se definiria? Assinale com X uma das alternativas

( ) branco/a ( ) negro/a ( ) indígena ( ) mulato/a ( ) pardo ( ) não sei  
 ( ) não quero me identificar  
 ( ) outra opção . Qual? \_\_\_\_\_

3. Você tem trabalho remunerado (isto é, com pagamento)?

( ) sim ( ) não ( ) de vez em quando

4. Há quanto tempo você mora no seu bairro?

( ) desde que nasceu  
 ( ) menos de 1 ano  
 ( ) de 1 a 5 anos  
 ( ) de 5 a 10 anos  
 ( ) mais de 10 anos

5. Com quem você mora?

( ) com meus pais  
 ( ) com outros familiares  
 ( ) com meu esposo/a, namorado/a, companheiro/a  
 ( ) sozinho  
 ( ) com amigos

6. Quantas pessoas, incluindo você, moram em sua casa?

( ) uma ( ) duas ( ) três ( ) quatro ( ) cinco ( ) mais de cinco

7. Qual a escolarização dos seus pais ou responsáveis por você?

Pai (ou outra pessoa)	Mãe (ou outra pessoa)
( ) nunca foi à escola	( ) nunca foi à escola
( ) Ensino Fund. incompleto (1º. a 9º. ano)	( ) Ensino Fund. incompleto(1º. a 9º. ano)
( ) Ensino Fund. completo (1º. a 9º. ano)	( ) Ensino Fund. completo (1º. a 9º. ano)
( ) Ensino médio incompleto	( ) Ensino médio incompleto
( ) Ensino médio completo	( ) Ensino médio completo
( ) Nível superior	( ) Nível superior
( ) outro tipo de curso	( ) outro tipo de curso

8. Em que seus pais ou responsáveis trabalham?

Pai (ou responsável)	Mãe (ou responsável)
<input type="checkbox"/> Agricultor	<input type="checkbox"/> Agricultora
<input type="checkbox"/> Empregado rural, isto é, trabalha para terceiros com ganho salarial	<input type="checkbox"/> Empregada rural, isto é, trabalha para terceiros com ganho salarial
<input type="checkbox"/> Servidor público	<input type="checkbox"/> Servidora pública
<input type="checkbox"/> Domestico não remunerado	<input type="checkbox"/> Domestica não remunerado
<input type="checkbox"/> Autônomo	<input type="checkbox"/> Autônoma
<input type="checkbox"/> Assalariado em empresa	<input type="checkbox"/> Assalariada em empresa
<input type="checkbox"/> Assalariado em indústria	<input type="checkbox"/> Assalariada em indústria
<input type="checkbox"/> Assalariado no comércio	<input type="checkbox"/> Assalariada no comércio
<input type="checkbox"/> Assalariado na prestação de serviços	<input type="checkbox"/> Assalariada na prestação de serviços

9. Qual a renda mensal de todas as pessoas que moram em sua casa, incluindo a sua renda, se for o caso? (Salário mínimo brasileiro de 2016 é de R\$ 880,00)

- até três salários mínimos                       de cinco a dez salários mínimos  
 de três a cinco salários mínimos                       mais de dez salários mínimos.

10. Quais desses equipamentos você tem em sua casa?

- TV     SOM     geladeira     freezer     forno de micro-ondas     aquecedor

11. Você possui computador em casa?

- sim     não

12. Você tem acesso à internet ?

- não  
 sim, em casa     sim, na escola     sim, em Lanhouse     sim, em outros lugares  
 sim, pelo celular

13. Com que frequência você acessa a internet?

- uma vez por semana     uma vez por dia     todos os dias  
 uma vez por mês     nunca acesso à internet     vivo conectado

14. O quanto você se interessa e acompanha os assuntos da tabela abaixo?

Assinale com X apenas uma das alternativas em cada assunto

	Muito	Um pouco	Não me interessa
Esportes			
Política			
Questões sobre meio ambiente			
Livros e estudos futuros			
Cinema e teatro			
Saúde			
Trabalho e emprego			
Invenções e tecnologias			
Música			
Viagens e outros lugares			

15. Como você descreveria sua relação com a leitura?

- ( ) gosto muito de ler e leio de tudo  
 ( ) leio apenas o que gosto e leio pouco  
 ( ) gosto de ler, mas leio só que gosto ou o que preciso  
 ( ) só leio por obrigação  
 ( ) não gosto de ler

16. Entre suas atividades de leitura, quais dessas você inclui? Assinale as 3 principais.

( ) Apenas livros didáticos	( ) Livros de gosto pessoal
( ) Coisas práticas como bula de remédio e instruções	( ) Gibis e quadrinhos
( ) Mensagens de Facebook	( ) Mensagens Whats App
( ) Livros religiosos	( ) Propagandas de rua
( ) Materiais sobre a vida no campo	( ) outros livros escolares

17. Quando você não está na escola, o que costuma fazer? Marque as 3 opções mais frequentes

( ) Jogar no celular, computador ou vídeo game	( ) Cuidar de animais e plantas
( ) Ver filme	( ) Assistir TV
( ) Praticar algum esporte	( ) Não fazer nada
( ) Trabalhar	( ) Passear nos amigos e parentes
( ) Desenhar	( ) Passar horas no facebook/ Whats App
( ) Escutar música	( ) Fazer lições e estudar

18. Você pretende fazer alguma faculdade após terminar o Ensino Médio?

- ( ) sim ( ) não ( ) ainda não pensei sobre o assunto

19. De 0 a 10, qual é o seu grau de certeza de que irá fazer faculdade? Marque apenas um número

Nenhuma certeza 0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muita certeza 10
----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

20. Há algum curso na faculdade que você teria interesse em fazer?

- ( ) sim QUAL SERIA?

( ) não ( ) Ainda não pensei sobre o assunto

21. Há alguma coisa que você acha que impediria você de fazer uma faculdade?

- ( ) sim O QUÊ?

( ) não

22. De 0 a 10, qual é o seu grau de vontade de fazer uma faculdade? Marque apenas um número

Nenhuma vontade 0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Muita vontade 10
----------------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---------------------

23. Você sabe como fazer para conseguir uma vaga na faculdade?

Sua família e você teriam condições de pagar uma faculdade? Até qual valor de mensalidade?

Você conhece alguma possibilidade de fazer faculdade sem pagamento de mensalidade? Como?

Registre suas respostas a essas questões no espaço abaixo, explicando livremente o que sabe e o que pensa sobre isso.

24. Você conhece universidades gratuitas na região de Curitiba?

Sim                      Quais?

---

Não

AGRADECEMOS MUITO SUA COLABORAÇÃO!  
Adriano e Tânia